
O Castro dos Ratinhos (Moura), povoado do Bronze Final do Guadiana: primeira campanha de escavações (2004)

ANTÓNIO CARLOS SILVA¹
LUIS BERROCAL-RANGEL²

R E S U M O O Castro dos Ratinhos, conhecido desde meados do século XX, era regularmente citado na bibliografia como um povoado fortificado proto-histórico do Vale do Guadiana embora nunca tivesse sido objecto de escavações arqueológicas. Os resultados das primeiras escavações realizadas em 2004 permitiram não só confirmar a monumentalidade do sistema defensivo, envolvendo diversas linhas de muralhas, taludes e pelo menos um fosso, mas também revelar significativos dados cronológicos. De momento estes apontam para duas fases de ocupação principais: a mais antiga, atribuída ao Bronze Final, aparentemente melhor estruturada e a que corresponde a construção do sistema defensivo (séculos X a VIII a.C.); a mais recente, correspondendo a um povoado da Idade do Ferro que, sem rupturas aparentes mas com perda de importância, parece vir na continuidade do habitat anterior (século VII a meados do século VI a.C.).

A B S T R A C T From the middle of the 20th century, despite the absence of archaeological excavations, the site “Castro dos Ratinhos” was frequently referred on the bibliography as an important Proto-historic fortified settlement of the Guadiana Valley. Only after these 2004 excavations it has been confirmed the presence and monumentality of a defensive system with several wall lines, slopes and at least a ditch. By other hand the archaeological record has shown two main occupation levels: the first from the Late Bronze Age, a phase apparently better structured and corresponding to the defensive system construction (10th to 8th century BC); the second corresponding to a First Iron Age settlement (7th to 6th century BC) that succeeded to the Late Bronze Age phase apparently without evidence of rupture.

Introdução

Entre 1997 e 2002, o Governo português promoveu a construção de uma gigantesca barragem no Rio Guadiana, dando origem ao maior lago artificial da Europa. Chamada de “Alqueva” — nome da aldeia mais próxima do local onde se ergueu a barragem — e unindo os municípios de Portel e Moura, bem como os chamados Alto e Baixo Alentejo, o empreendimento representava uma antiga aspiração da região mas acarretava igualmente todo um conjunto de impactes negativos que era necessário acautelar. Entre estes destacavam-se os de âmbito patrimonial, exigindo exaustivos levantamentos arqueológicos e etnográficos a que se seguiriam numerosas intervenções de estudo e salvamento arqueológico (Silva, 1999). Graças a estas acções foi possível desenvolver de forma espectacular, tanto em território português como espanhol, o conhecimento arqueológico nesta zona do Guadiana, até então esquecida pela arqueologia peninsular apesar da excepção do património megalítico de Reguengos.

No entanto, apesar da dimensão e significado dos avanços verificados no conhecimento histórico, corre-se o risco de ver surgir localmente uma compreensível frustração social face à ausência de resultados materiais que possam ser imputados ao importante investimento financeiro efectuado na salvaguarda do património arqueológico. Com efeito, tendo o esforço de investigação sido canalizado quase exclusivamente para a documentação dos sítios e monumentos ameaçados de submersão através da aplicação sistemática do conceito da “salvaguarda pelo registo científico”, a componente de valorização material dos vestígios descobertos, por mais potencial que estes revelassem, ficou por razões óbvias, dramaticamente reduzida à sua expressão mais simples: o eventual tratamento museológico, a nível regional ou local, do “espólio” mais significativo entretanto recolhido e estudado. Assim, e tal como estava planeado como última fase do pro-



Fig. 1 O Castro dos Ratinhos e a Barragem de Alqueva. Escavações de 2004.

cesso de minimização, havia que promover intervenções no terreno que, tirando partido do alargamento do reconhecimento arqueológico, se orientassem no sentido da “compensação” pelas consideráveis perdas verificadas no domínio do património cultural da região. A valorização de sítios ou monumentos arqueológicos não afectados pela inundação e que reúnam condições objectivas para a fruição turístico-cultural é, sem dúvida, uma das respostas possíveis àquele objectivo (Lança, 2002).

Foi neste contexto de imperativo social que surgiu o presente projecto de “Estudo e Valorização do Castro dos Ratinhos” sob a direcção dos autores. De facto, o povoado proto-histórico situado no “Outeiro dos Castelos”, identificado em meados do século XX por Fragoso de Lima como “Castro dos Ratinhos”, apresenta-se por múltiplas razões como um sítio arqueológico indispensável a qualquer estratégia de exploração da vertente patrimonial do território ligado ao Empreendimento do Alqueva. Não apenas por evidentes factores intrínsecos decorrentes do respectivo potencial arqueológico e monumental sugeridos pela imponência e desenvolvimento da sua estrutura defensiva mas, em particular, pela sua localização estratégica seja qual for a perspectiva: de ordem histórico-arqueológica, simbólica ou, simplesmente, prática. Com efeito não é em vão que o “Castro dos Ratinhos” ocupa uma colina dominante sobre a própria “Barragem”, beneficiando directamente da proximidade de todo um conjunto de infra-estruturas já existentes ou projectadas que proporcionarão condições pouco comuns para a sua visita turística por públicos diversificados, servindo ainda de ponto de articulação privilegiado com outros locais de interesse patrimonial a promover na região.

Para atingir aqueles objectivos culturais dependentes da escavação e valorização patrimonial do sítio arqueológico, estabeleceram-se as seguintes metas, em duas vertentes de intervenção:

A vertente científica, através de uma aproximação metodológica indutiva:

- a) Documentação detalhada das formas de povoamento proto-histórico no Guadiana (incluindo a origem e a evolução das primeiras muralhas e do sistema de malha “urbana” que caracterizam estes povoados) enquanto manifestações do nascimento das primeiras sociedades complexas no território português do Guadiana incluídas na posteriormente chamada *Baeturia Celtica* (Berrocal-Rangel, 1998).
- b) A definição do desenvolvimento diacrónico destas formas de povoamento ao longo do último milénio antes da Era Cristã, considerando o largo âmbito cronológico que se parecia inferir de cerâmicas observadas à superfície.
- c) O reconhecimento dos modelos de povoamento da zona do Guadiana e Ardila e da sua relação com os recursos arqueológicos e estratégicos da região.

A vertente patrimonial, visando prosseguir:

- a) A recuperação dos restos arquitectónicos do povoado aparentemente muito bem conservados no que se refere às muralhas, visando a sua conversão como centro privilegiado de interpretação do património arqueológico do Alqueva;
- b) A utilização do sítio arqueológico e da sua situação central enquanto recurso turístico de primeira ordem como referência cultural, histórica e política das terras do Concelho de Moura durante o período da Proto-História.
- c) O aproveitamento da sua estratégica localização, permitindo dominar visualmente grande parte dos Regolfos de Alqueva e Pedrógão, afirmando-o como lugar simbólico relacionado com todo o trabalho de investigação desenvolvido em relação com o projecto de Alqueva.

Tendo em conta estes objectivos turístico-culturais de ordem geral, o “projecto de investigação”, ainda que não perdendo de vista as problemáticas já enunciadas, deve ser desde início acompanhado e, de algum modo condicionado, por metas objectivas de âmbito patrimonial e que, faseadamente, poderemos enunciar desde já nos seguintes objectivos específicos:

a) Reconhecimento do valor científico, cultural e patrimonial do sítio arqueológico recorrendo à progressiva desmatação (para melhor visualização do sistema amuralhado), levantamento topográfico e delimitação da zona arqueológica (com vista à negociação do destaque e aquisição das parcelas privadas) e realização de sondagens arqueológicas para confirmação e avaliação do potencial científico e monumental das estruturas internas, nomeadamente da “malha urbana”.

b) Criação das condições de acessibilidade e visita ao “Castro”, se possível ainda durante o desenvolvimento do projecto de investigação, promovendo intervenções de conservação, protecção e eventual restauro das estruturas expostas, bem como a definição de circuitos de visita.

c) Promoção de estruturas de apoio e exploração das visitas turísticas ao “Castro dos Ratinhos” em conexão com outras infra-estruturas da zona.

d) Desenvolvimento de uma rota luso-espanhola de turismo cultural e arqueológico ao longo do Ardila, acrescentando ao interesse monumental de cidades como Moura ou Serpa e Jerez de los Caballeros, a descoberta do sítio arqueológico dos Ratinhos e do Parque Etnoarqueológico de Capote.



Fig. 2 O Castro dos Ratinhos na Península Ibérica.

1. O meio envolvente: território e arqueologia na desembocadura do Ardila

O “Castro dos Ratinhos” situa-se numa elevação bem destacada (230 m) localizada directamente sobre a margem esquerda do Guadiana, sensivelmente a meio caminho entre as confluências do Degebe (a noroeste) e do Ardila (a sudeste), duas importantes ribeiras tributárias do Guadiana, definidoras das próprias de territórios geo-históricos muito próprios. Esta colina integra-se, por sua vez, no sistema de elevações da Serra de Portel que, associado à falha da Vidigueira, forma um importante acidente geomorfológico que divide transversalmente o território alentejano. Apesar das profundas alterações entretanto consumadas com a construção da grande Barragem, o “Castro” domina ainda claramente toda a paisagem envolvente.

Em tempos idos este local foi ponto de passagem obrigatório na ligação Moura-Évora, nomeadamente através do vau chamado “Porto de Évora” mas o sistema ferro-rodoviário novecentista afastou essa via para Sul (através da ponte ferroviária de Serpa) e para Norte (Ponte rodoviária de Mourão). A sua escolha para construção da Barragem do Alqueva, facilitando a travessia do Guadiana e melhorando os acessos, veio no entanto devolver este espaço à sua antiga dimensão de importante eixo de ligação entre os territórios das bacias do Ardila e do Degebe. Esta situação

ganha um especial relevo se recordarmos que a Ribeira do Ardila representa a principal corrente subsidiária do Guadiana. De facto, a importância deste local, manifesta-se não apenas na abundância de águas do seu subsolo e na riqueza das planícies aluviais que o enquadram parcialmente mas também na organização humana do espaço compreendido entre aquelas correntes fluviais e que condicionam fortemente os caminhos e passagens naturais. Esta coincidência de recursos, água, agricultura, pastos e controle de caminhos encontrou uma resposta lógica na importância dos primeiros assentamentos humanos da região, especialmente aqueles que manifestam uma permanência suficiente para se considerarem entre os primeiros povoados do Alentejo. Tal terá sido o caso do próximo Castro da Azougada, localizado nas cercanias de Moura, junto ao Ardila e que, dadas as circunstâncias do seu precoce reconhecimento, foi objecto em meados do século XX de intensa embora inadequada “exploração” que muito o afectou. Tal facto terá contribuído para que, apesar da recolha e reconhecimento ocasional de alguns materiais, o interesse pelo Castro dos Ratinhos tenha ficado claramente secundarizado.

O “castro” propriamente dito, conhecido como “Outeiro dos Castelos”, foi pela primeira vez prospectado em meados do século XX por António Duarte e, posteriormente, por José Fragoso de Lima (Lima 1960, 1981) que o deu a conhecer cientificamente graças a um pequeno artigo em que se publicaram desenhos e fotos de cerâmicas e materiais recolhidos em prospecções prévias realizadas por uma estudante da Faculdade de Letras de Lisboa, Wanda Rodrigues³. Tendo em conta a sumária descrição das cerâmicas o Castro revelava uma ocupação dos primeiros séculos do último milénio antes da era cristã, ao longo do chamado Bronze Final e, possivelmente, da Idade do Ferro. Notícias posteriores, no entanto, referem materiais mais tardios que fazem supor um período mais alargado de ocupação (Ferreira, 1971; Beirão e Gomes, 1983; Berrocal-Rangel, 1992, 1993). De qualquer modo, e para além das referidas prospecções cujas exactas condições desconhecemos mas que segundo testemunhos credíveis dos actuais proprietários terão incluído lavras intencionais do terreno do Castro, não se realizaram entretanto outros trabalhos arqueológicos no Castro dos Ratinhos, pese embora um “pedido de autorização” para a realização de sondagens apresentado em 1970 por Eduardo da Cunha Serrão, particularmente interessado nas cerâmicas de “ornatos brunidos”⁴.

A colina onde se localiza o povoado apresenta encostas muito escarpadas que vencem a oeste e a norte mais de 150 m de desnível sobre as margens do Guadiana. A oriente e a sul, as diferenças de altitude são menores e, talvez por isso, localizam-se nesses flancos fortes taludes que denunciam importantes obras defensivas. A sua planta parece ocupar integralmente o cimo alargado desta colina numa superfície aproximada de 300 x 150 m formando uma plataforma mais ou menos aplanada e apresentando no seu extremo oriental, uma superfície destacada em altura, ao jeito de “acrópole”. Corresponde esta plataforma a um povoado com cerca de 4,5 ha, uma superfície considerável para os povoados proto-históricos ainda que esteja de acordo com dados sobre os que revelam ocupação do Bronze Final como se pode comprovar em Outeiro do Circo, Coroa do Frade ou Castelo do Giraldo (Parreira e Soares, 1980; Berrocal-Rangel, 1992, p. 215 ss.). Nestes casos os limites dos povoados são facilmente calculáveis a partir da superfície de ocupação útil, uma vez que costumam situar-se em colinas de encostas escarpadas que condicionam severamente esse espaço mas também porque apresentam taludes e vestígios de estruturas de pedra seca que demonstram a existência de fortes muralhas e outras obras defensivas. Como exemplo podemos citar o povoado do Passo Alto, Vila Verde de Ficalho, no qual se localiza o único campo de pedras fincadas — “cavalos de frisa” — conhecido ao Sul do Tejo no território português (Soares, 1986, 2003; Berrocal-Rangel, 2003). Em todo o caso, como alguns investigadores portugueses têm referido, não está comprovada arqueologicamente a associação destas

muralhas com as ocupações do Bronze Final, podendo aquelas ser interpretadas como obras de épocas posteriores cujos vestígios cerâmicos ou metálicos, ou não se localizaram ou de momento são mal conhecidos. De facto para alguns destes sítios foram entretanto reconhecidas ocupações mais tardias, “pré-romanas” ou “romano-republicanas”, tal como referimos há alguns anos para o Castelo da Giraldo, sítio paradigmático do Bronze Final entre cujas cerâmicas localizámos, ainda que numa percentagem mínima, cerâmicas pré-romanas (Berrocal-Rangel 1992, p. 317). Com efeito, os recentes estudos de Rui Mataloto confirmam esta classificação (Mataloto, 1999), provavelmente a mais adequada para as suas importantes muralhas e uma vez que a presença no Sudoeste Peninsular de estruturas defensivas com esta complexidade só estava comprovada para a II Idade do Ferro, como por exemplo em Mértola (Hourcade, Lopes e Labarthe, 2003) ou, apesar de tudo com dúvidas, em alguns sítios paradigmáticos da I Idade do Ferro, por exemplo Medellín (Almagro-Gorbea e Martín Bravo, 1994). Por isso não é de estranhar que a propósito dos “Ratinhos” se tenham publicado notícias sobre a descoberta de materiais de época “ibérica” (Beirão e Gomes, 1983, p. 230) ou sobre a presença de cerâmicas áticas e campanienses (Ferreira, 1971, p. 317, 320).

No seu primeiro trabalho de 1960 Frago de Lima referia: “Distinguem-se ainda com nitidez, duas ordens de muralhas e aterros e em certos pontos não resta dúvida de que houve três. As muralhas eram formadas de pedra sobre pedra, sem argamassa, estendiam-se por todo o outeiro e contornavam os cabeços, especialmente o mas alto, que se levanta como uma acrópole da vetusta póvoa fortificada. Por qualquer dos lados se nos afigura quase inexpugnável, principalmente da parte de Guadiana, cuja encosta é íngreme e alcantilada. A falda do Norte tinha como defesa, além das muralhas e inclinação do terreno, o regatozinho mencionado anteriormente.” (Lima, 1981, p. 261). Esta descrição adequa-se ainda ao estado actual do castro, com a ressalva de se poder afirmar que a tripla linha de muralhas nos parece evidente pelo menos ao longo dos flancos Norte, Leste e Sudoeste do povoado e que se observam alguns vestígios que interpretamos como pertencentes a uma entrada, se não mesmo a porta principal, virada a este último lado (SW).

Nas prospecções que ocasionalmente podemos efectuar nos últimos anos, obtiveram-se escasos fragmentos cerâmicos, geralmente lisos e realizados manualmente com cozeduras irregulares ou redutoras. Não obstante, entre elas documentavam-se algumas formas de taças de carena média com decorações brunidas no exterior, típicas do Bronze Final português. É o exemplo do vaso Sup. /001 (Fig. 6), cujos brunidos não formam retículas mas linhas múltiplas de triângulos contrapostos ao modo de “dentes de lobo”, entre a carena e o bordo, característica que aponta para datas avançadas no I milénio a.C., Bronze Final II ou Recente (Parreira, 2001, p. 269) e as aproxima das produções similares do Tejo, Alpiarça, especialmente do Cabeço da Bruxa, ou de sítios menos afastados como o Castelo do Giraldo (Schubart, 1971, fig 7. e-f, 1976, mapa 38; Kalb, 1995, p. 190-191; Cardoso, 1995, p. 88-89, 2000, p. 68 ss.; Guerra, Fabião e Senna-Martinez, 1988; Kalb e Höck, 1981-1982; Pérez Macías, 1981, p. 232; Arnaud, 1979, p. 73 ss.). Como desenvolveremos mais adiante, a variedade de “estilos” e motivos das cerâmicas com decorações brunidas em todo o território português nos finais da Idade do Bronze torna patente a necessidade de proceder à sua sistematização a partir de estratigrafias articuladas com escavações em extensão nos povoados (Bubner, 1996, p. 68 ss.). Daí que esta aplicação técnica não deva considerar-se como reflexo ou consequência de motivações ou contextos fechados e específicos mas como uma resposta decorativa habitual entre as produções cerâmicas da Europa Ocidental contemporânea, cujas diferenças para além de responderem a possíveis fundos étnicos de difícil apreensão, reflectem distintos graus de influências das quais não é possível descartarem-se as relações com o Guadalquivir e o Mediterrâneo Ocidental (Almagro-Gorbea, 1998, p. 90-91).

Seja como for e independentemente da consideração do Castro dos Ratinhos como povoado da Idade do Bronze ou da Idade do Ferro, não restavam dúvidas sobre a sua importância histórica e patrimonial, importância que se deve mais ao valor estratégico da situação do que aos recursos imediatos do lugar, tal como já referíamos no estudo que dedicamos ao Castro em 1992: “No obstante parece que su localización responde más a la importancia estratégica del lugar, como cruce de rutas desde Occidente y desde el Sur. En este sentido volvemos a encontrar una conjunción de yacimientos gemelos, similar a la de Elvas — Graça o la mejor conocida de Badajoz — Cerro de San Cristóbal. Aquí el ejemplo lo configura este yacimiento de Ratinhos y su parejo de Pardi-eiros, en la orilla opuesta del Guadiana. La importancia de este sistema de control se ve confirmada por la confluencia de rutas de comunicaciones por el Sur, hacia el Oriente a través del Ardila y por el Norte, hacia Occidente por el río Degebe. Por algo su desembocadura se llama Porto Évora.” E concluíamos depois “El emplazamiento y función de este asentamiento es ciertamente de gran interés como respuesta específica, y sistemática, a unas necesidades de control del territorio que se repite en otros casos [del Guadiana]. Clarificar si esta disposición responde al dominio de rutas de penetración, o al control de lugares y pasos estratégicos o fronterizos será objetivo de estudios analíticos posteriores” (Berrocal-Rangel, 1993, p. 992, 994).

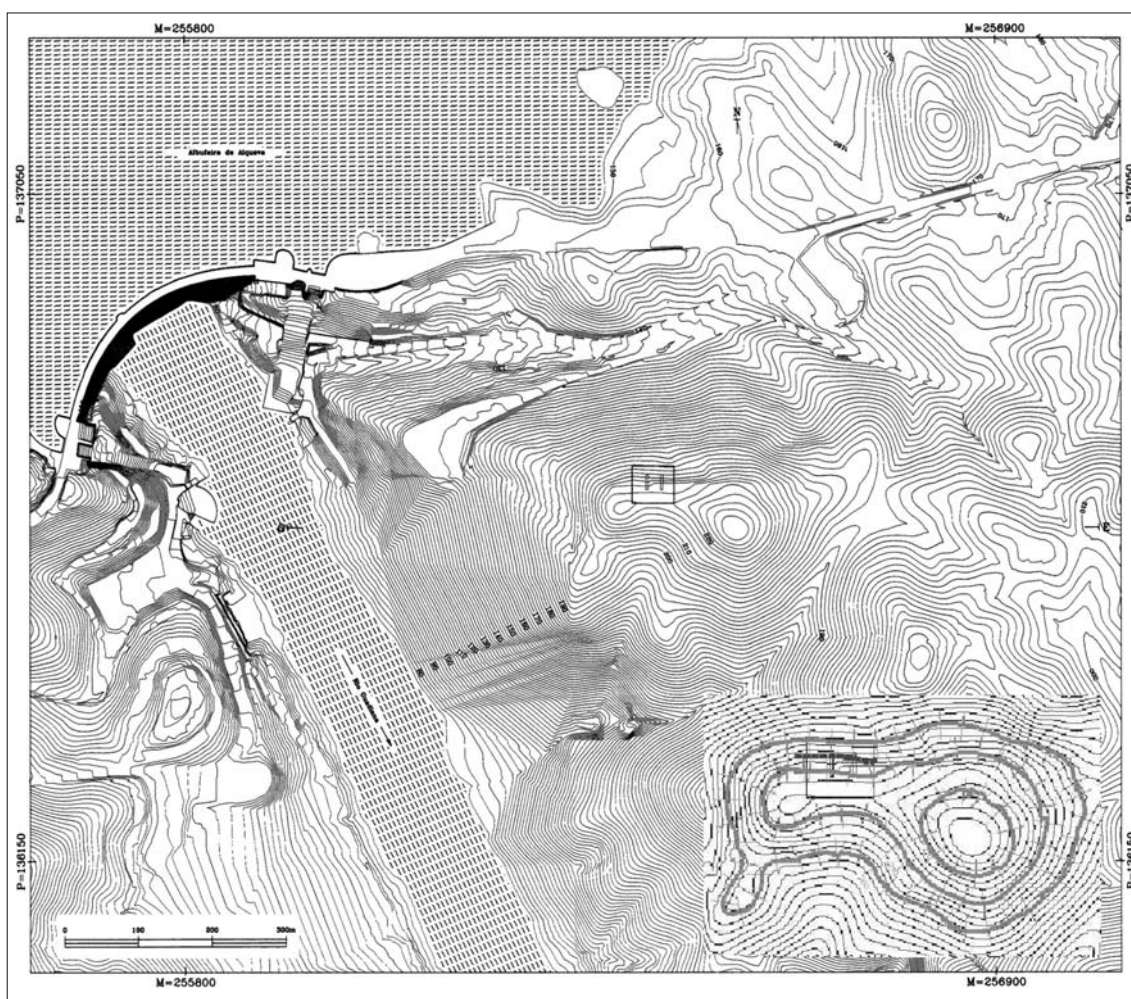


Fig. 3 Topografia da actual envolvente do Castro dos Ratinhos e, em destaque, traçado das principais linhas de muralha (1, 2 e 3) e do fosso detectado nas sondagens (A e B) de 2004.

2. Os pressupostos metodológicos

O principal objectivo do projecto de estudo do Castro dos Ratinhos é a sua recuperação como recurso arqueológico e cultural de primeira ordem. Essa recuperação não implica necessariamente a sua exumação integral pois, entre outros motivos, considera-se essencial garantir “áreas de reserva arqueológica” destinadas a conservar parte do povoado para intervenções futuras. No entanto, a metodologia do Projecto está concebida como se estivesse em causa a escavação integral e completa.

As acções planificadas podem dividir-se em três vertentes distintas: prospecções (2003-2007) sondagens estratigráficas (2004-2005); escavação em área (primeira fase: 2006-2007).

2.1. *Prospecções intensivas do sítio arqueológico*

O conhecimento da jazida inclui, quer o reconhecimento arqueológico intensivo da sua implantação no terreno, quer do respectivo território, pensando na valorização integrada de outros recursos patrimoniais da envolvente. Assim, completando o inventário arqueológico da zona no contexto do Empreendimento Alqueva (Silva, 1999, 2000), a análise do respectivo registo colocar-se-á se a três níveis, do geral para o particular, segundo a nomenclatura proposta por F. J. Sánchez-Palencia e A. Orejas (1991):

a) O estudo da paisagem arqueológica: a desembocadura do Rio Ardila. O Castro dos Ratinhos insere-se na rede de povoamento proto-histórico estabelecido em torno da confluência do Rio Guadiana com o seu principal afluente, o Rio Ardila. Esta rede está fortemente condicionada por estes acidentes geográficos que por sua vez determinam os principais caminhos naturais. Partindo de uma base cartográfica combinada a partir das aplicações SIG do Alqueva e do “Endovélico” (preparado pelo UNINOVA para o IPPAR) e da Carta Militar de Portugal do IGE (1:50 000 e 1: 25 000) a análise implicará a aplicação de “filtros” de selecção temática relacionados com a toponímia e a geomorfologia, em conjugação com a determinação dos respectivos domínios visuais, a localização dos achados ocasionais de natureza histórica ou arqueológica e por fim das informações orais e escritas.

b) O estudo do território de exploração: a margem norte da confluência Degebe-Guadiana-Ardila. O estudo do território de exploração é um objectivo imediato da equipa de projecto com as premissas espaciais já realizadas nos inventários e estudos da região (Soares, no prelo; Silva, 1999, 2000; Gamito, 1997; Berrocal-Rangel, 1992). Para a análise do território envolvente (zona limitada pela confluência do Ardila com o Guadiana) consideramos um raio de 3 km, abrindo uma excepção para recursos de especial transcendência que possam sair desta área. A cartografia usada parte dos mapas temáticos realizados sobre a Carta Militar 1: 25 000 (folha 601), combinada com os mapas geológicos e de solos (SROA, Atlas do Ambiente) e a cartografia da EDIA. De igual modo, a combinação de estes com as plantas cadastrais da Câmara Municipal de Moura, os ortofotomapas digitalizados e as fotografias aéreas do Empreendimento, fornecem a base cartográfica necessária.

c) O estudo do local de implantação: o Outeiro dos Castelos. Com evidentes implicações na estratégia da escavação, têm vindo a realizar-se prospecções de cariz intensivo na colina e na sua envolvente imediata num raio de cerca de 1 km. Este espaço é considerado como

central para o estudo da morfologia do Castro dos Ratinhos e é definido basicamente por uma inflexão do curso do Guadiana que toma o rumo de Sudeste formando um amplo meandro que parece contrariar o sentido geral da orientação do rio neste tramo, NE-SW.

Este estudo deverá apoiar-se na aplicação de uma estratégia de prospecção microrregional intensiva, através do seguimento de uma rede de corredores com cerca de 20 m de largura, respeitando 1 km de raio e sempre que as condições de acesso o permitam. Nesse sentido e em conjunto com a análise da fotografia aérea, registam-se todos os elementos significativos que se relacionem com o património arqueológico e histórico, bem como os elementos artificiais — caminhos, veredas — e acidentes do terreno existentes antes da inundação provocada pela Barragem. Em complemento, está também planeada a realização do levantamento topográfico detalhado do Castro e da sua envolvente, com equidistância das curvas de nível no máximo de 1m e com registo gráfico de todos os taludes e demais acidentes naturais significativos. Esta acção permitirá intervenções prospectivas futuras facilitando não apenas a localização de todo e qualquer achado de superfície mas também a referenciação de estruturas soterradas, identificadas através de métodos de prospecção e análise não destrutivos.

2.2. *Sondagens estratigráficas (2004-2005)*

Este segundo nível de investigação iniciou-se na campanha de 2004 e deve continuar-se por 2005 com o duplo objectivo de confirmar a importância arqueológica do povoado e a sua extensão temporal e geográfica. Os resultados serão fundamentais para avaliar e planificar a escavação em área de grandes sectores, conforme previsto para o nível seguinte da investigação. Na primeira campanha escavaram-se duas grandes sondagens transversais a um dos principais “taludes” permitindo confirmar a existência de estruturas amuralhadas bem conservadas e, sobretudo, fornecendo elementos determinantes para o estabelecimento de limites cronológicos para o povoado. No entanto, a escolha do local de implantação das sondagens na área setentrional do povoado foi condicionada por dificuldades associadas a limites de propriedades ainda não afectas à EDIA. Em continuidade, prevendo-se a ultrapassagem destas dificuldades em 2005, proceder-se-á à abertura de outras sondagens em zonas localizadas quer no interior desta muralha quer na terceira linha de taludes com o intuito de esclarecer a sua eventual contemporaneidade e de se avançar no conhecimento das diferentes fases do habitat.

2.3. *Escavação em área do Castro (terceira e quarta fase: 2006-2007)*

Os resultados das sondagens e prospecções intensivas devem orientar a escolha de zonas relativamente amplas para “escavação em área” as quais, preferencialmente, deverão abranger áreas entre 500 m² e 1000 m² por campanha, superfícies capazes de congregar suficientes recursos monumentais e proporcionar grande quantidade de informação.

Assim o sistema tradicional de quadrículas será seguido em superfície como estratégia de referência geral mas o desenvolvimento das escavações far-se-á a partir da identificação das diferentes unidades arqueológicas, um modelo de trabalho que se revela adequado após o reconhecimento das principais ocupações do povoado. Estas permitirão desenvolver uma estratégia de

área aberta, combinada com a técnica de secções cumulativas, segundo definiu P. Barker em “Techniques of Archaeological Excavations” (Barker, 1977; Harris, 1989, p. 38), para se conseguir um desenvolvimento mais rápido em zonas mais propícias.

No registo e tratamento posterior da informação obtida usam-se, quando considerado necessário, as referências tridimensionais cartesianas (coordenadas absolutas de longitude, latitude e cota), nomeadamente para localização de objectos mais significativos. Dada a rede proposta a latitude (ordenadas em “x”) e longitude (abscissas em “Y”) referem-se sempre aos eixos do Paralelo (entre P= 136.360 e P= 136.800) e do Meridiano (entre M= 256.250 e M= 256.70)⁵. As altitudes (cota em “z”) são medidas a partir da Cota “0” referida ao Marégrafo de Cascais, oscilando estas nos Ratinhos entre os 190 m e os 230 m, pelo menos no que respeita aos recintos superiores do povoado.

Para facilitar a recolha selectiva de toda a informação, organizam-se uma série de fichas de estratos preparados como “formulários” informatizados que permitem transpor os dados para tabelas e bases de dados (Access), destinados à realização dos inventários gerais e à preparação da sua conversão em unidades de informação SIG. Do mesmo modo permitem produzir fichas específicas de cada artefacto onde se recolhem os dados gráficos e escritos mais relevantes através de uma série de campos devidamente seleccionados.

Neste sistema de linguagem informática, a relação das coordenadas é um requisito fundamental para uma futura “georreferenciação” de cada objecto. A correcta utilização destes recursos garantem que possa aceder-se de forma ágil e integrada toda a informação recuperada de uma escavação em área, proporcionando todas as correlações necessárias para reconstruir “virtualmente” a realidade desmantelada através do processo de escavação.

3. Os sectores da escavação: camadas, sequências e níveis

Cumprindo aquele plano, em Setembro de 2004 escavaram-se duas sondagens em transepto ou trincheira, constituídas cada uma por quatro quadrículas consecutivas de 3 m x 5 m. Às sondagens foram atribuídas as letras “A” e “B”, seguidas dos n.ºs de 1 a 4, de Sul para Norte, para identificação das respectivas quadrículas. Ambas as sondagens estavam separadas por uma distância de 17 m e alinhadas por um eixo teórico E-W marcado pelo Paralelo ¹³⁶.656.00, referenciado no terreno através de dois “marcos” cimentados. Estas sondagens foram orientadas perpendicularmente a um potente talude com cerca de 6 m de desnível que parecia corresponder, como aliás se veio a comprovar, aos restos de uma linha de muralha.

3.1. A sondagem “A”

Localizada entre os Paralelos ¹³⁶.651.00 – ¹³⁶.671.00 e os Meridianos ²⁵⁶.426.00 – ²⁵⁶.429.00, com a cota “z” no ponto 656.00-431.00, a 214,50 m sobre o nível do mar.

Quadrícula “A1”: P= 651.00-656.00; M= 426.00-429.00
Cotas finais entre 214.82 e 213.42

Descrição: Sem unidades nem elementos arqueológicos até à sua franja norte na qual foi documentada uma possível estrutura formada por um alinhamento de pedras colocadas em ângulo recto. Esta UA foi denominada “A1-A2” uma vez que avança um pouco para a

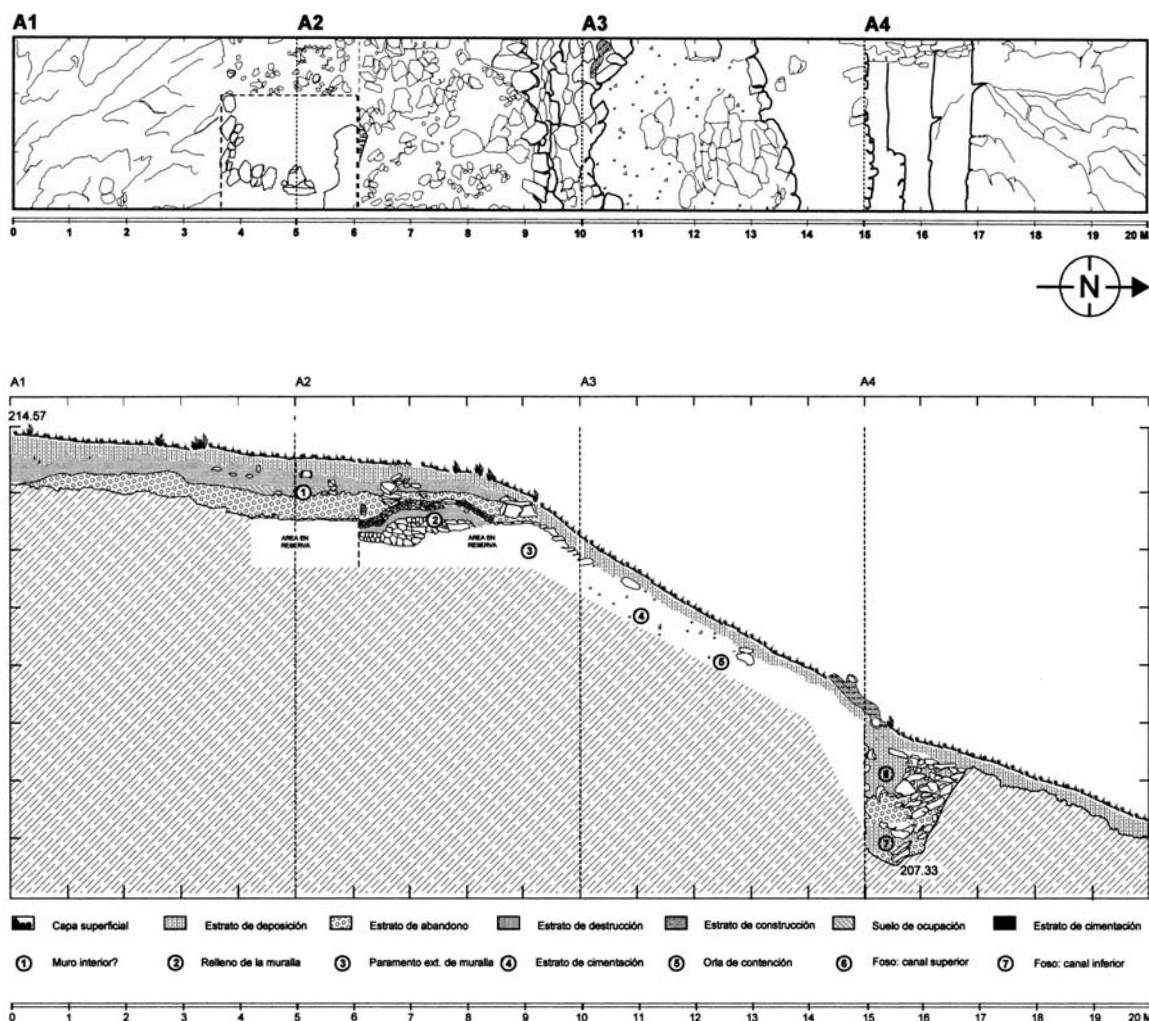


Fig. 4 Sondagem A - desenho do plano final da escavação e perfil W.

sondagem A2. A identificação da UA A1-A2 foi confirmada não só pelos alinhamentos de pedras mas também por um solo de terra endurecida, por vezes cozida, o que demonstra o respectivo “uso” (A1-A2/Ig). Este solo constitui uma camada de compactação bem nivelada que aproveita uma grande lousa de xisto azul para regularizar a superfície. Para Oeste a UA A1-A2 perde-se, observando-se sob ela uma camada de pequenas lajes de xisto que assenta sobre o substrato de xisto avermelhado.

Estratigrafia: A quadrícula A1 apresenta uma clara estratigrafia organizada em torno de duas sequências que correspondem a outras tantas fases de ocupação:

- Ia Potência entre 0,40 e 0,10 m (<214.73;>214.10)
 Composição: terra castanha, pouco compacta.
 Algumas placas de xisto e seixos rolados.
 Camada de deposição e abandono lento, de época histórica.
 Materiais cerâmicos muito fragmentados, todos “proto-históricos” (67 u.)

- Ib Potência entre 0,40 e 0,10 m (<214.39;>213.70)
Composição: terra ocre-acinzentada, pouco compacta.
Abundantes placas de xisto de tamanho médio.
Camada de abandono-destruição de estruturas arquitectónicas.
Materiais cerâmicos muito abundantes (214 u.), maioritariamente de fabrico manual, com alguns fragmentos a torno. “Fuzilhão” de bronze.
- Ic (A1-A2) Potência entre 0,35 e 0,20 m (<214.39; >213.60)
Composição: alinhamento de pedras de xisto formando um ângulo recto.
Interfâcies vertical, base de uma construção.
- Ig (A1-A2) Potência entre 0,05 e 0,15 m (<213.70; >213.55)
Composição: terra avermelhada, compacta e nivelada.
Interfâcies horizontal, solo de uso da UA A1-A2.
Materiais cerâmicos indiferenciados dos anteriores (27 u.)
- IIa Potência entre 0,60 e 0,30 m (<213.85>213.15)
Composição: terra esverdeada solta.
Algumas placas de xisto, seixos rolados e quartzos.
Camada de abandono e destruição de estruturas arquitectónicas anteriores.
Cumprê também a função de camada de fundação e nivelamento da sequência superior (Ia-Ig)
Materiais cerâmicos muito abundantes (316 u. e 199 u.), contas, bronzes.
Amostra ¹⁴C (osso) **Sac-1979**: 2500±50. Para 1 sigma: 770-276 cal BC; 694-541 cal BC. Para 2 sigma: 791-486 cal BC; 463-448cal BC

Quadrícula “A2”: P= 656.00-661.00; M= 426.00-429.00

Cotas finais entre 213.42 e 212.57

Descrição: Continua o desenvolvimento anterior associado à UA A1-A2. Confirma-se a densa camada IIa, esverdeada, solta e com “cascalho” e pedra solta que se estende até ao início do talude, nos limites Norte da quadrícula. Por baixo continua uma sequência de estratos definidos por uma alternância de camadas com pedras menores (IIb), sem pedras (IIc), com grande acumulação de pedras de tamanhos médios (IId) e, de novo, quase sem pedras (IIe). Esta sequência, alcança sem solução de continuidade o início do talude e o afloramento das primeiras fileiras exteriores da muralha. Faz sentido considerá-la como camada de uso e de enchimento desta.

Estratigrafia: Continuação e desenvolvimento das sequências de A1

- Ia Potência entre 0,40 e 0,30 m (<214.20;>212.60)
Composição e funcionalidade como em A1. Camada inclinada em talude.
Materiais cerâmicos escassos e fragmentados (14u.)
- Ib Potência entre 0,40 e 0,25 m (<213.85;>213.45)
Composição e funcionalidade como em A1.
Materiais cerâmicos de grandes dimensões (24u.), conta de pasta vítrea.

- IIa Potência entre 0,30 e 0,20 m (<213.60;>213.10)
Composição e funcionalidade como em A1.
Materiais cerâmicos abundantes e de grande dimensão (90u.) Ossos.
Materiais líticos (mós manuais), prego de bronze, duas contas.
- IIb Potência regular entre 0,30 e 0,20 m (<213.50;>213.00)
Composição: terra ocre-avermelhada, acumulação de xistos e quartzos.
Interfícies horizontal, camada em talude de apoio interior à muralha.
Materiais cerâmicos abundantes de grandes dimensões (110u.)
- IIc Potência regular entre 0,50 e 0,30 m (<213.40;>212.90)
Composição: terra acinzentada-escura, com ossos e cerâmicas.
Materiais cerâmicos abundantes (71u.). Faca de bronze.
- II d Potência entre 0,30 e 0,60 m (<213.0;>212.65)
Composição: acumulação em talude de xistos e seixos rolados médios
Materiais cerâmicos abundantes (49u.), ossos de quadrúpedes.
- IIe Potência indeterminada (<213.0;>212.90)
Composição: terra avermelhada, compacta e com pedras.
Materiais: quase estéril, com escassos fragmentos cerâmicos (11 u.)
- IIh Potência indeterminada (<213.10;>212.70)
Composição: paramento em talude de placas de xisto
Materiais: sem elementos móveis associados.

Quadrícula "A3": P= 661.00-666.00; M= 426.00-429.00

Cotas finais entre 212.40 e 209.70

Descrição: Aberto sobre a pendente da muralha a partir do seu paramento exterior (IIh, cota 212.40) no perfil sul. Mostra a existência de um estrato de compactação contido por uma orla de duas ou três fiadas de pedras de xisto apoiadas no substrato lítico (IIi, cota 210.97). No seu limite norte localiza-se um fosso, UA "A3-A4".

Estratigrafia: Relativamente às sequências comprovadas em A1 e A2, esta quadrícula apresenta apenas os estratos que continuam ou se associam com a sequência II das quadrículas superiores.

- Ia Potência entre 0,40 e 0,20 m (<212.69;>209.70).
Composição e funcionalidade como em A1 e A2.
Materiais cerâmicos escassos e fragmentados (5 u.)
- IIh Potência indeterminada (<212.40;>212.50)
Composição: paramento em talude de pedras de xisto.

IIf Potência indeterminada (<212.14;>210.96)
Composição: terra ocre, compacta, com xisto muito fragmentado.
Materiais: sem elementos móveis associados.

Iii Potência entre 0,30 e 0,60 m (<212.97; >210.70)
Composição: pequena fiada de contenção com lajes de xisto.

Quadrícula "A4": P= 666.00-671.00; M= 426.00-429.00
Cotas finais entre 209.75 e 207.33

Descrição: Conclui-se a pendente da muralha a partir da UA "A3-A4", constituída por um fosso escavado no substrato lítico de xisto. O resto da superfície apresenta-se com afloramentos "encrespados" do substrato de base.

Estratigrafia: A colmatação do fosso "A3-A4" reflecte duas sequências de enchimento decorrentes do abandono, situação que se relaciona com a muralha.

Ia Potência entre 0,30 e 0,20 m (<209.71;>208.00).
Composição e funcionalidade como em A1, A2 e A3.
Materiais cerâmicos escassos e pouco significativos (10 u.) Argola de bronze.

Ib(A3-A4) Potência entre 0,50 e 0,75 m (<209.00;>208.10)
Composição: terra ocre com numerosos calhaus xistosos. Preenchimento irregular da parte superior do fosso.
Materiais cerâmicos escassos. Grandes vasos de armazenamento. (10u.)

Ila(A3-A4) Potência entre 0,50 e 0,35 m (<208.09;>207.58)
Composição: terra ocre-avermelhada, com calhaus. Preenchimento irregular da parte superior do fosso.
Materiais: escassos fragmentos cerâmicos, irrelevantes.
Amostra ¹⁴C (carvão) **Sac-1978**: 2530±80. Para 1 sigma 797-722 cal BC; 694-540 cal BC. Para 2 sigma 806-477 cal BC; 474-413 cal BC.

Iib(A3-A4) Potência entre 0,45 e 0,15 m (<207.79; >207.33)
Composição: terra esverdeada-escura resultante da decomposição do substrato.
Materiais: estéril.

3.2. A sondagem "B"

Localizada entre os Paralelos ¹³⁶.651.00 -¹³⁶.671.00 e os Meridianos ²⁵⁶.446.00 -²⁵⁶.449.00, com a cota "z" no ponto 656.00-451.00 a 214,90 m sobre o nível do mar.

Quadrícula "B1": P= 651.00-656.00; M= 446.00-449.00
Cotas finais entre 214.64 e 213.40

Descrição: A quadrícula “B1” confirmou a presença da muralha com uma estrutura de muros paralelos e um preenchimento de camadas de terra e pedras. Fora dela, para Sul, a Sondagem apresentou-se estéril em unidades arqueológicas e quase sem materiais arqueológicos (fragmentos cerâmicos, 9u.). No interior da muralha, uma primeira acumulação de lajes de xisto que corta a sondagem de WSW a ENE e supõe uma estrutura de contenção de 1,30 m de espessura, é interpretada como muro interior. A face externa documenta-se no limite norte da quadrícula, afastada 2,25 m da anterior. Esta zona foi sondada apenas na sua metade Ocidental (IIb), tendo-se interrompido a escavação, por razões de segurança, na cota 213.40, num possível solo de fundação da muralha (IIc).

Estratigrafia: A quadrícula B1 reflecte uma única sequência estratigráfica completa que relacionamos com a fase II da sondagem “A”.

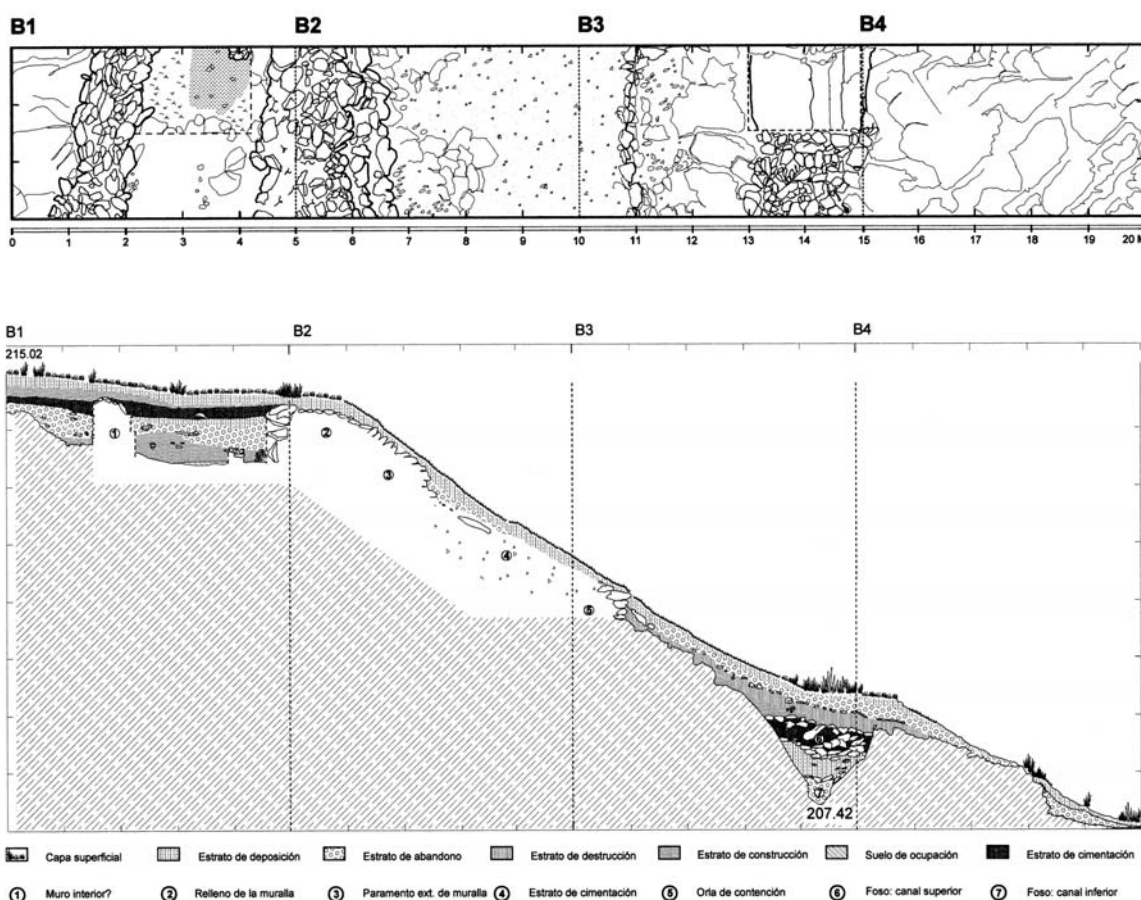


Fig. 5 Sondagem B - desenho do plano final da escavação e perfil W.

Ia Potência entre 0,20 e 0,15 m (<215.00;>214.48)
 Composição: terra acastanhada, pouco compacta. Poucas lajes de xisto e raros seixos. Camada de deposição e abandono lento, de época histórica. Materiais cerâmicos escassos e fragmentados (9u.)

- Ib Potência entre 0,20 e 0,06 m (<214.80;>214.38)
Composição: terra ocre-acastanhada, pouco compacta. Camada de abandono. Pedras abundantes de tamanho pequeno.
Materiais cerâmicos abundantes, maioritariamente de fabrico manual (65u).
- Ic Potência entre 0,25 e 0,10 m (<214.62;>214.22)
Composição: terra ocre-acastanhada compacta.
Materiais cerâmicos abundantes, maioritariamente de fabrico manual (105u.).
- Ila1-2 Potência entre 0,40 e 0,15 m (<214.55;>213.68)
Composição: terra esverdeada, solta e fina.
Camada de abandono e destruição de estruturas arquitectónicas. É também camada de nivelamento da sequência superior (Ia-Ic).
Materiais cerâmicos abundantes (90u.); grandes vasos de armazenamento, ossos, “tachuela” de bronze na cota 214.51 junto ao perfil sul.
- Iib Potência entre 0,55 e 0,20 m (<213.95;>213.44)
Composição: terra castanha solta. Camada de destruição de estruturas arquitectónicas (muralha...)
Materiais cerâmicos abundantes (62u.)
- Iic Potência indeterminada (<213.48;>213.40)
Composição: terra acinzentada, porosa e com carvões. Camada de construção? Ou de fundação da muralha.
Materiais: estéril.

Quadrícula “B2”: P= 656.00-661.00; M= 446.00-449.00
Cotas finais entre 214.46 e 211.97

Descrição: A quadrícula apresenta no seu extremo meridional o preenchimento e o muro exterior da muralha, com uma espessura de 2,75 m (IId-h). A partir dos 3 m até ao perfil Norte da quadrícula, observa-se uma camada de compactação idêntica à reconhecida em “A3”, de terra ocre compacta e apresentando numerosos blocos de xisto (Iii). Este interfaces foi conservado para garantir a estabilidade da muralha.

Estratigrafia: Reflecte o sistema de enchimento da muralha, correspondendo ao que se verificou em “A3”. A sua boa conservação aconselhou a sua manutenção na camada IId:

- Ia Potência entre 0,20 e 0,15 m (<214.67;>211.97)
Composição: terra ocre-acastanhada. Camada de abandono histórico, inclinada em talude.
Materiais cerâmicos escassos e fragmentados (6u.)

- Ib Potência entre 0,40 e 0,25 m (<213.10;>212.30)
Composição: terra ocre-escura, pouco compacta. Localizada apenas junto ao contacto exterior da muralha.
Materiais: estéril.
- IId Potência indeterminada (<214.46;>214.00)
Composição: preenchimento de pedras de xisto médias e pequenas. Camada de construção da muralha, correspondendo provavelmente a IId em “A3”.
- Ih Potência indeterminada (<214.00;>213.10)
Composição: paramento em talude de lajes de xisto.
Materiais: sem elementos móveis associados.
- IIf Potência indeterminada (<212.80;>211.60)
Composição: terra ocre compacta, com pequenas pedras de xisto.
Materiais: sem elementos móveis associados.

Quadrícula “B3”: P= 661.00-666.00; M= 446.00-449.00
Cotas finais entre 211.67 e 207.42

Descrição: Documenta o final da camada de compactação (IIf) contida pela fiada de xisto documentada em “A3” (Ii). Como naquela sondagem, a quadrícula “B3” apresenta no seu limite norte um fosso que ocupa uma extensão de 2,50 m, dos quais 2,30 m ficam incluídos nesta sondagem. O fosso UA “B3-B4” apresenta como diferença em relação ao tramo UA “A3-A4”, um solo com aparência de um pavimento que corresponde a uma fase de colmatação e de mudança de uso da estrutura (Ig). Por baixo, várias camadas certificam a colmatação progressiva do fosso.

Estratigrafia: Corresponde a uma sucessão estrutural idêntica à verificada em “A3”, excetuando o fosso que naquela sondagem foi soterrado sem aparente uso posterior.

- Ia1-2 Potência entre 0,20 e 0,05 m (<211,70;>209.26)
Composição e funcionalidade como em B1 e B2.
Materiais cerâmicos muito rodados e insignificantes (21u.)
- Ii Potência indeterminada (<211.26;>211.70)
Composição: pequena fiada de contenção, pedras de xisto.
Materiais: estéril.
- Ib Potência entre 0,30 e 0,05 m (<210.97;>208.66)
Composição: terra avermelhada, compacta. Camada de abandono e destruição.
Materiais: estéril.
- Ic Potência entre 0,20 e 0,05 m (<209.70;>208.80)
Composição: pequena bolsa de terra ocre, junto ao bordo sul do fosso.
Materiais: estéril.

- Ig Potência entre 0,10 e 0,15 m (<208.98;>208.60)
Composição: “pavimento” (?) obtido com lajes de xisto de tamanho médio.
Materiais: um fragmento de bordo cerâmico entre as pedras do “pavimento”.
- If Potência entre 0,20 e 0,35 m (<208.90;>208.45).
Composição: terra castanha, compacta, com pedras de derrube da muralha (?).
Materiais cerâmicos escassos, rodados e pouco significativos (12 u.)
- Ila1-2 Potência entre 1,10 e 0,78 m (<208.52;>207.42).
Composição: terra ocre escura, e no fundo, a2, de cor esverdeada resultante da decomposição do substrato lítico cortado em forma de canal. Numerosas pedras caídas (da muralha) e acumuladas contra a escarpa Norte.

Quadrícula “B4”: P= 666.00-671.00; M= 446.00-449.00
Cotas finais entre 208.78 e 207.10

Descrição: Final da pente ou talude a partir da UA “B3-B4”, constituída pelo fosso escavado no substrato lítico, de xisto, que aparece quase à superfície, “encrespado” em forma de aparentes “cavalos de frisa”.

Estratigrafia: Limitada a camadas de deposição histórica e de abandono do lugar.

- Ia1-2 Potência entre 0,30 e 0,02 m (<209.30;>207.10)
Composição e funcionalidade como em B1, B2 e B3
Materiais cerâmicos escassos e fragmentados (9u.)
- Ib Potência entre 0,30 e 0,10 m (<209.00;>208.56)
Composição e funcionalidade como em B3 quando se documenta o fosso.
Materiais cerâmicos escassos e pouco significativos (4u.)

4. A arquitectura: muralhas, fosso e cabanas

O resultado das sondagens efectuadas veio confirmar as melhores expectativas no que respeitava à presença de uma muralha e à sua datação do Bronze Final. Graças à visibilidade dos taludes e à natureza das cerâmicas recolhidas à superfície, ambas as hipóteses tinham sido colocadas desde as primeiras referências arqueológicas sobre este Castro (Lima, 1960, 1981; Parreira e Soares, 1980; Gamito, 1997; Soares e Silva, 1998) mas estas necessitavam ainda de confirmação definitiva. Por outro lado, esta primeira campanha trouxe também dados fundamentais para o conhecimento da estrutura construtiva da muralha e da sua funcionalidade, representando uma mais valia científica inquestionável uma vez que não se conhecem paralelos com um estado de conservação similar nem outras intervenções com um âmbito semelhante. Não é pois de estranhar que as principais informações incidam sobre a importância desta muralha e de outros elementos defensivos que lhe estão associados.

4.1. *As muralhas e as estruturas defensivas*

Este povoado tinha já sido descrito como um habitat de grande dimensão ocupando um cerro escalonado e bem destacado sobre o Guadiana. Ainda que as defesas naturais favorecidas pelas pendentes abruptas confirmam ao local uma importante componente defensiva, os seus habitantes reforçaram ainda mais essa característica tendo em conta o tratamento dos taludes e outros vestígios que se observam em superfície (Fig. 3). Tais obras, formando várias linhas de muralhas, adaptam-se às principais variações de nível do terreno, proporcionando três plataformas principais, mais ou menos concêntricas e outras menores em zonas limítrofes.

Desde o recinto interior e superior, ao exterior e inferior, definem-se as seguintes estruturas:

A linha de muralha 1 é de todas a menor. Envolve o local mais elevado, a SE do povoado, apresentando-se como uma fortaleza ou “acrópole” cujos restos se podem observar com facilidade à superfície. Um par de cunhais de alvenaria formando ângulos rectos poderia fazer supor que esta primeira linha corresponde a um período diferente do resto das muralhas ou, no mínimo, à que foi identificada nesta campanha. No entanto, se esquecermos um fragmento de asa encontrada à superfície e que é atribuível a uma época tardo-romana ou medieval, todos os outros materiais recolhidos até agora, apontam para datas associadas ao Bronze Final ou ao Ferro I, período este que seria mais apropriado para enquadrar aquela técnica construtiva que apenas se generaliza no Sul da Península a partir dos inícios do século VI a.C. (Moret, 1996, p. 204-205).

A linha de muralha 2 alarga-se para Oeste até abarcar toda a plataforma principal do Povoado, numa longitude de 300 m. Foi nesta linha, no seu flanco norte, que se abriram transversalmente as duas sondagens “A” e “B”. A presença desta muralha é, aliás, imediatamente perceptível após a desmatação e limpeza superficial do terreno, aflorando regularmente elementos do seu paramento exterior. Como resultado específico da escavação, foi ainda localizado um espectacular fosso escavado no substrato rochoso e que corre paralelo a esta muralha, a uma distância aproximada de 10 m.

A linha de muralha 3 observa-se com alguma facilidade associada a um talude mais ou menos concêntrico com o anterior. No entanto, a respectiva confirmação ainda não foi obtida, dada a densidade da vegetação.

A linha de muralha 4 é, até ao momento, conjectural e resultante essencialmente da observação da fotografia aérea. A sua extensão será muito superior às anteriores e, a existir, poderá corresponder a uma linha descontínua, documentada apenas em certos tramos estratégicos do perímetro total da colina dos Ratinhos.

A muralha correspondente à “linha 2” apresenta no seu flanco norte uma densa construção com lajes de xisto. O âmbito das sondagens efectuadas este ano não permitiu reconhecer totalmente a sua estrutura construtiva ainda que, com os dados obtidos, esta se converta na fortificação proto-histórica mais antiga e melhor conhecida ao sul do Tejo no território português (e no vizinho território espanhol, com excepção de alguns sítios andaluzes como Tejada la Vieja ou Niebla, na província de Huelva).

A muralha apresenta uma largura de 7 m, organizada em dois muros paralelos e um enchimento de várias camadas de pedras e terra calcada, apresentando os seguintes elementos:

O muro exterior que corresponde à categoria denominada “em talude”, sistema arcaico de construção conhecido por algumas referências e escassos vestígios entre as mais antigas fortificações proto-históricas peninsulares. É significativa a frase do grande especialista em fortificações ibéricas, Pierre Moret, ao referir que «les murs à fruit (ou em talude) sont largement répartis dans toute l’aire ibérique. Ils sont surtout fréquents à l’ibérique ancien; l’ab-

sence de données pour le Bronze Final s'explique par le fait que tous les vestiges connus de cette époque sont extrêmement arasés» (Moret, 1996, p. 85). Tal verificação mais destaca a importância dos resultados das escavações dos Ratinhos, pois o paramento em talude atinge aqui uma altura de 1,5 m, suficiente para com os restantes elementos construtivos apontar para uma linha de muralha com mais de 7 m de altura. Neste tipo de construções “o muro em talude” revela-se na disposição da face externa, enquanto a interna é mais ou menos vertical, estruturada por grandes pedras de xisto irregularmente encravadas. Entre ambos os paramentos ou faces verifica-se um enchimento de lajes de xisto dispostas horizontalmente o que contrasta com a posição vertical das pedras maiores do paramento interior e das oblíquas que estruturam o exterior. Este muro de contenção, formado por lajes de xisto dispostas “a seco”, foi bem documentado nas quadrículas “B1-B2”, apresentando uma espessura de 3,5 m, dimensão necessária para lhe assegurar estabilidade dada a sua debilidade estrutural e construtiva. Os seus restos em “A1-A2”, apesar de mais deteriorados, confirmam idêntica espessura e a mesma natureza construtiva.

O muro interior, pelo contrário, é muito mais estreito (de 1,30 a 1,50 m) com paramentos mais ou menos verticais, construídos com o mesmo sistema de lajes encravadas que contêm outras simplesmente acumuladas a seco. Entre ambos os muros reconhece-se um enchimento irregular de camadas de pedras que alternam com outras de terra aparentemente compactada. Estas camadas, a confirmar-se a função “fundacional” do estrato IIc de “B1”, dispuseram-se sobre o substrato lítico xistoso, endurecido pela aplicação do fogo. Estas conclusões, no entanto, deverão ser revistas em futuras campanhas quando for possível intervir de forma mais ampla nestes níveis.

No exterior da muralha, observa-se um acabamento complexo, composto por um estrato de compactação, formado por terra apisoada com numerosos fragmentos de xisto. Esta camada aumenta a estabilidade da linha amuralhada na sua vertente mais vulnerável, a sua base exterior, mas necessita, como reforço, de um “anel de contenção” paralelo à muralha, formado por lajes de xisto e distanciado desta entre 3 a 4 m. Este “anel” ou “orla” apresenta a mesma técnica construtiva “em talude” do paramento da muralha.

O fosso apresenta-se como o terceiro elemento defensivo documentado nesta campanha. Trata-se de uma trincheira talhada directamente na rocha do substrato e que se destaca pela qualidade e regularidade da sua execução. Com dimensões aproximadas de 2 m de profundidade e 2 m de largura máxima ao nível da “abertura”, o fosso apresenta um perfil em “V”, cujo vértice inferior, por sua vez, se apresenta como uma “caleira” em forma de “U” com dimensões de 0,45 x 0,45 m. O sector documentado em “B4” apresenta a sua face externa dividida em dois planos, tendendo o superior para uma orientação “vertical”. A melhor conservação do fosso neste sector parece dever-se à sua colmatação intencional, com a construção de um “lajeado”, como se fosse um “caminho de ronda” a meia encosta.

O sector reconhecido em “A3”, por sua vez, encontra-se mais deteriorado, como aliás acontece com o resto das estruturas defensivas na sondagem “A”. Neste caso em que não foi ainda escavada a face interior, a exterior revelou um plano superior oblíquo e recto até ao arranque do canal, também afectado aqui pela desagregação da rocha de base. As dimensões do “fosso”, a sua regularidade e a presença da “caleira” fazem pensar numa função de âmbito mais prático — drenagem das águas pluviais — do que defensivo.

4.2. Outras estruturas

Na sondagem “A”, foi ainda possível documentar uma possível construção situada no interior da linha de muralha (Fig. 4). A “casa” A1-A-2 corresponde a uma estrutura detectada a muito pouca profundidade, da qual se conservam apenas algumas pedras planas do que seria a fiada inferior das suas paredes e um solo de terra endurecida pelo fogo. Esta disposição, difícil de definir se não fosse a evidência do pavimento que contorna, reflecte a existência de um ângulo recto e de uma orientação alinhada com a muralha. No entanto, a estratigrafia mostra que esta estrutura foi construída sobre as camadas de abandono da muralha e corresponde portanto a uma época posterior à fase de uso deste tramo amuralhado. Se já não existia muralha nesta fase ou se existia apenas uma cerca precária (com postes de madeira, por exemplo) é algo que ainda não é possível confirmar.

O maior interesse desta “unidade arqueológica” A1-A2 reside na sua planta quadrangular, um sinal de evolução arquitectónica tradicionalmente associado à expansão das influências construtivas fenícias e mediterrânicas (Beirão, 1986; Correia, 1995; Arruda, 1999-2000; Torres, 2002, p. 299-300; Mataloto, 2004, p. 39), ainda que tal conclusão se possa matizar com os resultados da escavação do povoado vizinho da Rocha do Vigio 2 (Calado, 2002, p. 124). Esta relação e a data mais antiga coligida, confirma-se pelo registo móvel associado à sequência de estratos desta fase de ocupação: algumas cerâmicas “a torno”, de tipo orientalizante, como um prato de calote esférica e lábio extrovertido recto, tipo “Almuñecar 23”⁶ (A1/Ib/92 - Fig. 7), de clara origem fenícia ainda que muito reproduzido na Península Ibérica desde os inícios do século VII a.C. (Torres, 2002, p. 144; González Prats, 1983, forma B5; Pellicer et al., 1983, p. 163, 622). Uma data similar é atribuível a uma conta de pasta vítrea negra (A2/Ib/L001 - Fig. 17), idêntica às mais antigas registadas por E. Ruano procedentes da necrópole fenícia de Puig des Molins e datada entre os séculos VII e VI a.C. (Ruano, 1996, p. 29; Gómez Bellard et al., 1990). A cronologia desta estrutura é, portanto, mais tardia que a atribuível à muralha e insere-se claramente no período conhecido como I Idade do Ferro, podendo eventualmente relacionar-se com o “lajeado” que preenche o fosso em “A3”.

5. O registo móvel: cerâmicas, metais e líticos

Numa escavação deste tipo, envolvendo sondagens estratigráficas de diagnóstico inicial, o registo móvel é provavelmente a documentação mais valiosa uma vez que permite a datação das estruturas identificadas ou, na melhor das hipóteses, dos estratos ou camadas reconhecidas. Nesse sentido, a prévia atribuição do povoado ao Bronze Final, era consequência do achado em superfície de um número significativo de cerâmicas daquele período, como A. Monge Soares recorda em trabalho recente, ainda inédito (Soares, no prelo). Do mesmo modo, a descoberta de uma peça cerâmica significativa desta época nas nossas primeiras prospecções confirmara esta atribuição (Sup/n.º 1 - Fig. 6), ainda que outros fragmentos de vasilhas cerâmicas, feitas a torno (Sup/n.ºs 3 e 6 - Fig. 6), remetessem também para ocupações mais tardias. É por isso importante analisar, antes de mais, a presença de materiais cerâmicos realizados com torno e apresentando características que os possam relacionar com importações mediterrânicas. Neste caso, os resultados são bem reveladores: as excepcionalmente numerosas cerâmicas recolhidas nas sondagens de 2004 (1680 fragmentos significativos) demonstram a escassa presença de materiais realizados com recurso ao torno (24 unidades = 1,43%, mais 23 unidades duvidosas).

5.1. As cerâmicas “a torno”. Cerâmicas orientalizantes

Como referimos cerâmica produzida com torno está presente mas é muito escassa, mesmo tendo em conta os fragmentos duvidosos. No entanto, o conjunto de material produzido com torno é suficientemente significativo para retirar algumas conclusões inequívocas.

a) Não se conhecem cerâmicas de época histórica (romana, medieval ou posterior) com excepção dos raros fragmentos de cronologia incerta recolhidos em superfície.

b) Todas as cerâmicas “ao torno” provêm dos estratos superficiais e a presença de conjuntos inequívocos localiza-se nas camadas atribuídas à fase ou nível de ocupação 1, datada da Idade do Ferro Antigo como avançámos na análise da estratigrafia. De facto, só há um conjunto de cerâmicas de fabrico ao torno suficientemente representativo, o que procede das quadrículas A1-A2, em que o nível de ocupação Fase 1 está melhor conservado e nas quais apareceram as únicas cerâmicas com formas classificáveis:

Sondagem	Estrato	Cerâmicas ao torno	C.s ao torno (duvidosas)	Total Cerâmica *
A1	Ib	9	10	214
A2	Ia	2		14
A2	Ib	2	1	22
A3	Ia	2		5
B1	Ia	2		9
	Ic	2	8	105
B3	Ia	1	2	21
	IIa	2	1	9
B4	Ib	2	1	6
Totais		24	23	405

* Total dos fragmentos de cerâmica apenas nos estratos com fragmentos “a torno” ou “duvidosos”. O total absoluto de cerâmicas de todos os estratos escavados: 1680 fragmentos.

Com efeito, a presença de cerâmicas ao torno em camadas “II” é meramente residual nas camadas de contacto “a” (alguns casos duvidosos e só duas unidades seguras em B3, um estrato muito inclinado propício para as intrusões) e é desconhecida em camadas inferiores tanto em A1 e A2 como em B1 e B2. Isto, logicamente, reforça a separação cronológica definida pela estratigrafia.

c) as cerâmicas ao torno correspondem aos tipos mais abundantes entre as produções orientalizantes de origem fenícia: pratos, taças e ânforas, ainda que infelizmente a sua excessiva fragmentação prejudique a identificação da grande maioria; não é o caso da peça já referida A1/Ib/n.º 92 (Fig. 7), um prato de calote esférica e bordo extrovertido recto, de aba larga, cuja atribuição fenícia é reconhecida por ser um dos protótipos formais das muito expandidas produções de engobe vermelho. Datam-se desde os inícios do século VII a.C., de Santa Olaia e Catedral de Lisboa a Medellín e Cerro Macareno (Arruda, 1999-2000, p. 119; Pereira, 1997; Almagro-Gorbea, 1977, p. 403; Pellicer et al., 1983, p. 163, 622), ao século VI a.C., no povoado orientalizante de Peña Negra II de Crevillente, Alicante (González Prats, 1983, E1 e E2, p. 165-167, p. 276). Neste caso, a peça apresenta uma pasta depurada, uma superfície alisada acastanhada (P40) e núcleo negro (P31), sem indícios de engobe.

Mais simples mas não menos integrado nas produções fenícias e seus derivados peninsulares, é o bordo de tigela/malga da peça A2/Ia/n.º 8 (Fig. 7). Esta taça, de calote esférica é uma das formas mais frequente nas jazidas orientalizantes como Medelín (Lorrio, 1988-1989), Alcácer do Sal (Silva et al., 1980-1981, fase III) ou Santarém (Arruda, 1999-2000, cinzenta, forma 1) e uma das formas com maior perduração no Sudoeste a partir de finais do século VII a.C. (Beirão e Gomes, 1985; Berrocal-Rangel, 1994; Mataloto, 2004, p. 67-68).

As restantes formas não apresentam características concretas, ainda que haja que destacar a presença de bases planas e espessuras regulares como as B1/Ic/n.º 97 (Fig. 10) e, especialmente, B4/Ib/04 que são típicas das cerâmicas fabricadas ao torno. Menos significativos são alguns bordos simples de tendência curva e aberta ao exterior, como as peças B3/Ia/ n.º 9 e n.º 10 ou os bojos de grandes vasilhas de armazém cuja pasta decantada e cozedura regular indicam tratar-se de fragmentos de ânforas possivelmente fenícias ou de origem meridional, como as peças A1/Ia/ n.º 205; A2/Ia/n.º 14; B3/IIa/n.º 10, etc. Os primeiros correspondem a formas simples que têm paralelos ou precedentes nas produções atlânticas do Bronze Final e nas Mediterrânicas da I Idade do Ferro (Arruda, 1999-2000, p. 191 ss.; Mataloto, 2004, p. 75) e os segundos, pese a sua aparência formal, necessitam de análises ceramológicas que possam confirmar aquela identificação uma vez que se trata de fragmentos sem características formais que os possam distinguir.

5.2. As cerâmicas “de fabrico manual”. Cerâmicas de ornatos brunidos, plásticos e inciso-impresos

Em relação directa com a verificação anterior e com a personalidade das populações do Bronze Final do Sudoeste, encontra-se a presença avassaladora das cerâmicas de “fabrico manual”, não causando também surpresa o riquíssimo registo de cerâmicas apelidadas de “ornatos brunidos”. Actualmente é reconhecida a importância deste tipo de produção nesta zona ainda que o seu paradigma se tenha estabelecido na península de Setúbal (Lapa do Fumo), no Baixo Tejo (Alpirça) ou ainda no Baixo Guadalquivir (Carambolo). Já é mais surpreendente o aparecimento de uma relativamente abundante quantidade de cerâmica manual com motivos decorativos obtidos mediante “aplicações plásticas”, impressões, incisões ou excisões, cerâmicas bem conhecidas em numerosos sítios contemporâneos espanhóis os quais se relacionam com correntes de influência diferentes das tradicionais de Cogotas I (Barroso, 2002, p. 152 ss.; Torre, 2001, p. 278; González Prats, 1983, p. 104-112). Este tipo de cerâmica tinha uma escassa representação no Alentejo.

As cerâmicas de “ornatos brunidos” constituem a produção mais característica do Bronze Final do Sudoeste português e espanhol, ainda que apresentem claras diferenças entre si. É conhecida a tendência maioritária para os brunidos exteriores nos povoados portugueses e extremeños, face à tendência em decorar o interior que se observa nos casos procedentes da Andaluzia e suas influências extensíveis à Meseta Sul (Soares no prelo; Antunes, no prelo; Gamito, 1997; Vilaça, 1995; Bubner, 1996; Ruiz Mata, 1979; López Roa, 1978; Serrão, 1970).

Tecnicamente as cerâmicas de “ornatos brunidos” são bastante homogêneas, correspondendo a produções bem controladas, com pastas depuradas, elementos não plásticos quartzíticos quando observáveis, cores escuras entre o negro (T31), o cinzento (P92) e o castanho-escuro (N79). Neste sentido são muito numerosas as cozeduras redutoras homogêneas ainda que o sistema mais abundante corresponda a um processo “alterno” – redutor no interior e oxidante no exterior – mostrando o núcleo tons muito escuros e as paredes tons mais claros. O tratamento superficial costuma corresponder a um alisado sobre o qual se reproduzem os motivos brunidos ainda que existam bastantes exemplos que apresentam um engobe esbranquiçado de base que

serve para realçar ainda mais o “ornato”, tal como já haviam notado outros investigadores (Ruiz Mata, 1979, p. 9).

Formalmente estas cerâmicas correspondem maioritariamente a dois tipos básicos: as taças carenadas, mais ou menos abertas, e os potes ou painéis de colo recto ou ligeiramente inclinado para o exterior (A2/IIb/n.º 40; A2/IIc/n.º 25 - Fig. 14), confirmando a classificação simples proposta por T. Gamito (1997). Entre as primeiras a presença de taças incide em tamanhos menores, de 10 a 16 cm de diâmetro de boca com pequenas espessuras (0,5 cm) e cozeduras redutoras homogêneas e muito escuras. Não faltam alguns exemplares de cozedura oxidante e também regulares, mas são excepções e costumam apresentar carenas altas face às carenas centrais e baixas das taças mais habituais. A outra forma dominante é muito maior, podendo atingir tamanhos próprios de vasos de armazenamento, ainda que não tenha sido possível quantificar os respectivos diâmetros dado o cariz fragmentário dos seus restos. As pastas são menos decantadas e predomina a cozedura redutora/oxidante, tal como já referimos. Existem alguns exemplos de taça simples de calote esférica sem carena brunido no interior e exterior (A1/Ib/ n.º 17 - Fig. 8).

No que à decoração diz respeito, as cerâmicas dos Ratinhos mostram todas as disposições e repertórios conhecidos, tanto no Sul de Espanha como do Centro de Portugal. Apresentam também algumas taças e malgas muito bem brunidas na totalidade da superfície, mas estas costumam ter associado um engrossamento da carena seguindo a linha dos tipos chamados “cazuelas com hombrera” por A. González Prats (1983, p. 101, 1990). No que respeita à distribuição da decoração, a presença do “ornato” no interior é meramente vestigial (6,97% aprox. de um total de 373) e normalmente aparece combinada com motivos exteriores (6,17% aprox.). Os 93,03% restantes correspondem à disposição típica das produções portuguesas e extremenhas nas paredes exteriores dos vasos. Tecnicamente comprova-se a presença de brunidos densos, de muito boa qualidade e brilho (por exemplo em A2/IIc/31, 33,41, 50 - Fig. 14) face a outros finos e pouco destacados e apenas observáveis com dificuldade. Aparece uma variedade de brunido sem brilho, desenvolvido com motivos angulosos largos que se confundem com pintura a negro, embora a cerâmica pintada seja excepcional nestes contextos do Guadiana (Soares, no prelo). Podem-se identificar os seguintes grupos:

- 2.1.1. Brunidos completos ou em bandas largas
- 2.1.2. Brunidos reticulados em bandas finas
- 2.1.3. Brunidos com linhas finas em triângulos múltiplos e escaleriformes
- 2.1.4. Brunidos com motivos reticulados finos combinados com bandas largas
- 2.1.5. Brunidos com motivos reticulados combinados (linhas finas e largas)
- 2.1.6. Brunidos com motivos geométricos planos (triângulos, losangos...)
- 2.1.7. Brunidos figurativos (zoomórficos?)

Esta distribuição permite observar a presença no povoado dos Ratinhos de todos os “estilos” e variantes técnicas da cerâmica com “ornatos brunidos” do Sudoeste: Carambolo (2.1.2.), Alpiarça (2.1.3.), Lapa do Fumo (2.1.4.), Huelva (2.1.5.), e ainda outras que poderão ser típicas dos Ratinhos e da sua envolvente (2.1.6: por exemplo na peça A1/IIa/ n.º 279 - Fig. 13) Além disso coloca-se a possibilidade de reconhecer mais uma característica própria deste tipo de cerâmica (peça A2/IIId/ n.º 40 - Fig. 14), a representação de figuras animais e outras de difícil definição (2.1.7.). Esta hipótese, dependendo da recolha de fragmentos maiores, apoia-se por enquanto apenas num exemplar que apresenta suficiente desenvolvimento para fazer supor o desenho de um equídeo.

Esta abundância de motivos e estilos decorativos, incluindo composições mistas, é típica das zonas periféricas dos núcleos tradicionais referidos, como recentemente comprovou Monge Soares (no prelo). No entanto, partindo da hipótese deste autor⁷, é possível destacar a personalidade deste grupo da “margem esquerda portuguesa do Guadiana” dada a importância do registo do povoado de Santa Margarida (Moura) mas cujo centro, por coerência historiográfica, nós colocaríamos no próprio Castro dos Ratinhos. Isto não significa que não se detectem influências externas, tanto de Alpiarça (Sup/n.º 1 - Fig. 6; A2/IIC/ n.º 32 - Fig. 14), como da Lapa do Fumo (A1-A2/Iia/n.º 112; A2/Iib/n.º 40 - Fig. 13; B1/Ic/n.º 13 - Fig. 10) ou mesmo do núcleo andaluz (A1/Ia/n.º 26 - Fig. 8), incluindo as taças simples decoradas no interior e exterior, como já havia constatado Pérez Macías em Cabezas Rubias, no território vizinho da Serra de Huelva (Pérez Macías, 1981, 1992).

Em síntese consideramos que, sem querer distorcer excessivamente as nossas conclusões pelo facto de nesta campanha se terem registado 373 fragmentos de cerâmica brunida – número que provavelmente representa a maior recolha até ao momento deste tipo de cerâmica em escavações ou prospecções no território português numa só jazida – o Castro dos Ratinhos reflecte um potencial e uma singularidade que o convertem, neste âmbito, na maior referencia arqueológica conhecida. Este facto não pode deixar de estar directamente relacionado com a importância local e regional que o povoado terá atingido nas redes de povoamento proto-histórico do Sudoeste durante o Bronze Final.

As cerâmicas com decoração em relevo agrupam um importante número de vasos cujas técnicas decorativas se distinguem nitidamente da tradição anterior e as aproxima de outras linhas decorativas do BF europeu, tradicionalmente derivadas da cerâmica dos “Campos de Urnas”. Têm escassa ou nula relação com as cerâmicas “com relevos” do Tejo conhecidas como “Cogotas I” cuja incidência para Sudoeste só recentemente foi referida (Pavón, 1998), e que aparece representada na amostragem dos Ratinhos apenas por uma muito duvidosa representação de quatro fragmentos de cerâmica “penteada”.

Tecnicamente neste conjunto comprova-se a presença de um grupo singular de cerâmica com decoração plástica que reflecte uma produção homogénea muito diferente das cerâmicas de “ornatos brunidos”: apresenta pastas pouco depuradas, com desengordurantes siliciosos e cozeduras homogéneas oxidadas até atingirem cores vermelhas vivas. O acabamento da superfície é feito com uma aguada muito diluída da mesma pasta de modo que não se perde a aparência de rusticidade que decorre da natureza da própria pasta.

Formalmente este conjunto corresponde à mesma imagem de homogeneidade que é dada pela técnica. Parecem dominar os vasos de dimensão pequena com formas ovóides básicas ou derivadas. Entre as primeiras registou-se a maioria das formas conhecidas e entre as segundas alguns exemplares que apresentam colos curtos e curvados para o exterior (A4/Ia/n.º 9). Não se descarta a existência de outros tipos formais que não foram documentados dada a excessiva fragmentação de muitas das peças mas é interessante observar que, apesar de se tratarem de produções muito diferentes das brunidas, estas cerâmicas apresentam como característica comum o facto de a decoração tender a cobrir toda a superfície externa do vaso.

Creemos que estes materiais, relativamente inéditos no território português, se relacionam com a expansão verificada por numerosas zonas peninsulares, tanto no Sudeste, Peña Negra de Crevillente II (González Prats, 1983, p. 105 ss., 1990, p. 72) como na Meseta (Barroso, 2002, p. 152-153). É surpreendente verificar que as cerâmicas incisas desenvolvem padrões complexos que não têm precedentes nestes territórios nem tão-pouco se podem relacionar com as profusas decorações incisas de Cogotas I. Assim as peças A1/Ib/n.º 72 (Fig. 8) ou a A2/Ib/ n.º 19 (Fig. 8)

remetem para motivos complexos com técnicas incisivas e excisas típicas do grupo Redal e de outros do Ebro (Álvarez e Pérez Arrondo, 1987) e anunciam algumas das directrizes próprias dos povos pré-romanos da zona, como o bordo plano do vaso ovóide B1/Ib/n.º 65 (Fig. 10) cujas impressões unguladas parecem cobrir toda a superfície externa do vaso. Raquel Vilaça destacava esta singularidade ao referir-se a cerâmicas similares documentadas nas Beiras ainda que preferisse relacioná-la com remotos antecedentes neolíticos: “Algumas composições, como a 3, revelam uma concepção estilística totalmente nova no mundo beirão desta época, reabilitando motivos antigos a que normalmente se atribui uma forte carga simbólica...” (Vilaça, 1995, p. 283).

Tecnicamente este grupo integra-se noutra maior e mais heterogénea, definido por uma decoração mais variada, podendo-se reconhecer as seguintes técnicas (para além dos abundantes vasos com mamilos verticais perfurados que aqui não se consideram):

- 2.3.1. Incisões corridas e/ou acaneladas com motivos de “dentes de lobo”
- 2.3.2. Incisões corridas e excisões com motivos geométricos reticulados
- 2.3.3. Impressões com punção cobrindo a superfície exterior
- 2.3.4. Impressões digitadas cobrindo a superfície exterior
- 2.3.5. Impressões “beliscadas” com “festões” cobrindo a superfície exterior
- 2.3.6. Aplicações de mamilos múltiplos cobrindo a superfície exterior

Todas estas produções têm sido geralmente relacionadas com os importantes grupos autóctones do Sudoeste, encontrando-se paralelos em Cogotas I, nas Beiras e Extremadura, e inclusive em Baiões (Vilaça, 1995, p. 279 ss.; Pavón, 1998, p. 151). Não se excluem, porém, algumas influências além Pirenéus, especialmente evidentes nas cerâmicas adstritas aos estratos da Fase I (Ia, b, c), ainda que também presente na Fase II como por exemplo a taça incisa A1/IIa/n.º 153 (Fig. 12), uma das melhores peças encontradas nesta campanha. Mas as características autóctones parecem confirmar-se pela ausência de cerâmicas com bordos denteados ou lábios serrilhados, uma técnica e um motivo simples de amplo espectro que está bem representada no Bronze Final do Tejo (Vilaça, 1995, p. 121, 158, 205-206). Nesse sentido, a semelhança formal entre muitas peças de “ornatos brunidos” dos Ratinhos e do Monte do Frade, ou de Castelejo, tem como certa a ausência de cerâmicas incisivas e impressas do Tejo, apesar de se encontrarem representadas peças como a referida taça n.º 153 e de não faltarem as asas verticais ou as sucessões de mamilos que encontramos nos Ratinhos (p. e. B1/Ia/n.º 6 - Fig. 9; B1/Ic/n.º 14; B2/Ia/n.º 6 - Fig. 6).

As cerâmicas comuns de cozinha aparecem representadas por pastas toscas, com desengorurantes grosseiros e cozeduras irregulares (B1/IIa/n.º 71). Costumam ser formas simples (púcaros, bacias e potes) providas de grandes mamilos e englobam tratamentos relativamente especializados, nomeadamente a *cepillo*, um acabamento superficial que não pode ser considerado exclusivamente decorativo ainda que confira à cerâmica um certo efeito ornamental. A sua presença em 45 peças, face às 100 peças significativas com decoração, merece esta referência específica.

5.3. O espólio metálico. Fuzilhões, agulhas, argolas e botões

A lâmina de extremos dobrados A1/Ib/M001, apesar da sua simplicidade, foi identificada como elemento (“fuzilhão”) de uma fivela de cinturão. A presença de paralelos só pode conjecturar-se dada a semelhança com os “broches de cinturão de um só garfo” orientalizantes reconhecidos em sítios como Medellín (Almagro-Gorbea, 1977, p. 335-336). Formalmente estão menos afastados dos exem-

plares da Ria de Huelva ainda que os seus ganchos dilatados com uma ou duas aberturas dificultem uma identificação segura (Coffyn, 1985, Planche XXXI, 36 e 37; Jiménez Ávila, 2002, p. 314-318). No entanto cremos que exemplares como o dos Ratinhos deveriam ser derivados daqueles e por isso apoiamos a consideração que Raquel Vilaça faz de duas peças parecidas, ainda que menos claras que a dos Ratinhos, procedentes de Moreirinha (Vilaça, 1995, p. 344, figs. 10, 18 e 52).

Menos problemas de identificação ainda que menor qualidade informativa, nos oferecem os fragmentos de agulhas ou alfinetes, uma argola e uma arandela, que poderão relacionar-se com o vestuário e o adorno pessoal. Tal como os dois pregos documentados (um reduzido apenas à respectiva cabeça) que correspondem a uma mesma tipologia, a de pregos com cabeças em calote, similares ao achado em Alegrios (Vilaça 1995, p. 340, fig. 8.21.) ainda que todos eles de dimensões muito diferentes. Nos Ratinhos o achado A2/IIa/M001 corresponde a um exemplar de uma só peça, com cabeça massiça e estreita, ao passo que o procedente de B1/IIa/M001 reflecte a presença de uma cabeça larga e oca que poderá mais corresponder a um botão similar aos que são comuns no BF Atlântico, especialmente no Noroeste como os exemplares de Figueiredo das Donas, Viseu, e San Romão, Seia (Coffyn, 1985, Planche XVIII.7; Rodrigues, s/d, p. 229; Senna-Martínez, 1989, p. 97).

A par destas peças, relativamente comuns em contextos do Bronze Final, a campanha de 2004 proporcionou outras de identificação mais duvidosa. É possível que a haste A1/IIa/M003 corresponda a um pequeno escopro a julgar pelas suas extremidades aplanadas e afiladas face à restante secção prismática. A abundância de escopros também apoia esta identificação, uma vez que se tratava de instrumentos necessários como cinzéis para os trabalhos da metalurgia do Bronze como ficou demonstrado pelo achado de Cardeñosa, em Ávila (Delibes, 1977, p. 22).

5.4. O espólio lítico: contas, “mós manuais” e “enxó”

Além de três contas de colar, duas delas em cornalina e uma terceira em quartzo rosa, incluímos neste capítulo, uma quarta conta ainda que fabricada em pasta vítrea de cor negra. As duas primeiras, contas de quartzo hematideo⁸ bitroncocónicas de 1 cm de diâmetro (A1/IIa/L001; A2/Ib/L002), não nos trazem informação digna de nota e são conhecidas em povoados próximos contemporâneos, como a Corôa do Frade e o Álamo (Arnaud, 1979, p. 69; Soares, no prelo, fig. 15) ou posteriores, como o numeroso conjunto achado no Castrejón de Capote (Berrocal-Rangel, 1994, p. 241). Dadas as relações que implica com o mundo fenício e mediterrânico (Ruano, 1996), revela-se mais interessante a descoberta de uma conta de pasta vítrea (A2/Ib/L001). Estando já presente na necrópole do Bronze Pleno de Atalaia, Ourique (Schubart, 1965, p. 11), também é conhecida nestes contextos, nomeadamente um exemplar do povoado de Passo Alto (Soares, 1986, p. 16). Como já se referiu, uma peça negra similar à de Ratinhos foi documentada na necrópole fenícia de Puig des Molins (Ibiza) em datas entre os séculos VII e VI a.C. (Gómez Bellard et al., 1990). Dada a relação com esta cronologia é importante considerar a posição estratigráfica desta conta dos Ratinhos, localizada na camada de destruição e abandono da fase I que datamos da I Idade do Ferro.

Vale a pena ainda comentar o achado de vários fragmentos de mós manuais, naviformes, talhadas em granito (A2/IIb/L002; B2/Ia/L002) e de vários percutores, polidores e seixos talhados a partir de levantamentos simples com vista à obtenção de instrumentos cortantes ou perfurantes. Entre todos eles, merece destaque uma enxó polida de diorito de grão fino e cor esverdeada (B1/Ic/L001). A sua pequena dimensão aponta para um uso ritual ou outra função não utilitária como se verificou em casos similares em tamanho e matéria-prima, achados inclusive em momentos iniciais da Romanização do Sudoeste (Berrocal-Rangel, 1994, p. 243; Antunes e Cunha, 1986).

6. Periodização e conclusões: sequências, muralhas e guerreiros

O Outeiro dos Castelos já era reconhecido como um dos sítios portugueses com maior potencial científico para o estudo das primeiras sociedades complexas do território do Sudoeste peninsular. Desconhecia-se, no entanto, a sua mais valia patrimonial bem como a sua exacta cronologia. A primeira campanha de escavações arqueológicas aqui realizada permitiu não só comprovar o carácter monumental das linhas defensivas mas também confirmar a sua atribuição cronológica às mais antigas etapas do habitat estável do território português, etapas em que se começaram a estabelecer as redes de povoamento que perdurariam até ao presente.

6.1. A periodização dos Ratinhos

Independentemente de outros momentos em que possa ter existido uma ocupação do Castro (e cremos que terão existido pois a importância estratégica do local é inegável), as sondagens de 2004 vieram confirmar a presença de um habitat estável pelo menos durante os primeiros séculos do último milénio antes da nossa Era. Tal conclusão baseia-se na leitura e interpretação das seguintes sequências estratigráficas, cuja validade deverá ser consolidada por futuras intervenções:

Fase I - Povoado da Primeira Idade do Ferro (século VII - meados do VI a.C.)

Trata-se de uma ocupação com uma área de distribuição desconhecida que aproveita a situação de um povoado anterior ainda que os seus “condicionamentos” pareçam ter mudado bastante em relação àquele. Este povoado “orientalizante” não parece amuralhado ainda que existam preocupações defensivas dada a ocupação de um local dominante, permitindo o controlo visual de toda a envolvente. As quadrículas A1 e A2 forneceram o único solo de ocupação datado até ao momento e definido por um pavimento de terra compactada e cozida sobre o qual se documentaram os restos de uma estrutura precária (UA A1-A2) de alvenaria seca de pedras de xisto, possivelmente com uma cobertura vegetal. Os estratos de construção (Ic), destruição (Id), abandono (Ia1) e sedimentação histórica (Ia2) são nítidos e o registo material demonstra suficiente coerência entre os seus elementos significativos (cerâmica fabricada ao torno, conta de colar de pasta vítrea...).

A referida construção encontra-se em muito precário estado de conservação, documentando-se apenas ao nível do solo de uso, por uma fiada regular de lajes de xisto que poderiam servir de apoio a um entrelaçado de madeira, palha e barro. Apesar disso mostra um primeiro dado de interesse: o uso de uma planta quadrangular algo que não estava confirmado no Guadiana antes do século VI a.C., como demonstraram os trabalhos de Manuel e Maria Maia nos povoados de Neves II-Corvo I, ainda que nesta sequência apenas se possa ter documentado o momento de ocupação final do povoado orientalizante mais antigo, entre meados e final do século V a.C. (Maia e Maia, 1978; Maia, 1988). No entanto, a este respeito, é preferível o registo de sítios escavados posteriormente, como a Herdade da Sapatoa (Mataloto, 2004, p. 115-116). O registo material de A1-A2 ratificaria uma data mais antiga, oscilando entre os inícios do século VII e meados do século VI a.C., datas que se podem deprender dos escassos mas inquestionáveis fragmentos de cerâmicas orientalizantes, como o prato de calote esférica e aba larga, de engobe vermelho fenício (A1/Ib/n.º 92 - Fig. 7) ou a conta de colar de pasta vítrea, esférica e negra (A2/Ib/L001 - Fig. 17).

Estes materiais mediterrânicos, bem como alguns fragmentos de bojos de ânfora que poderiam ser fenícias, têm a respectiva contrapartida na presença de numerosas cerâmicas de fabrico manual de origem claramente autóctone e peninsular. Entre as primeiras são maioritárias as vasilhas decoradas com “ornatos brunidos”, seguindo as tipologias anteriores e que correspondem a todos os “estilos” ou “círculos” definidos com respeito a estas cerâmicas (Alpiarça - Lapa do Fumo - São Pedro - Carambolo) ainda que com a presença maioritária das produções típicas do território português. Entre as segundas, é mais abundante um tipo de vaso de forma simples oval e invulgar decoração em relevo, seja incisa, impressa, excisa ou plástica (superfícies com mamilos múltiplos, decoração com “pastilhas”...) mas cuja excessiva fragmentação dificultou a respectiva documentação, além de uma vintena de peças diferentes (A1/Ib/n.º 72; A2/Ib/n.º 19 - Fig. 8). Estas peças são no entanto suficientes para destacar este espólio como uma novidade no âmbito do conhecimento actual da Proto-história alentejana e extremeña, pois geralmente é contextualizada na Meseta e no Levante espanhol entre os séculos VII e VI a.C. (Peña Negra II). Com este material aparecem também elementos, como a cerâmica a cepillo e inciso-impressa, que associam os Ratinhos com tradições do Centro e Norte de Portugal, algo já apontado por alguns dos vasos de ornatos brunidos como se verifica exemplarmente com a taça incisa A1/IIa/n.º 153 (Fig. 12).

Em síntese, a sequência estratigráfica mais recente documentada nas sondagens de 2004 demonstra a presença de um povoado da I Idade do Ferro que parece consequência de um assentamento anterior, e no qual as relações de curto e largo alcance quer para o interior quer para o exterior da Península ficam demonstradas pelas suas cerâmicas e outros elementos mais onerosos. Dadas as respectivas datas, entre inícios do século VII e meados do século VI a.C., esta ocupação coincide com o período de máxima expansão fenícia ao longo das costas portuguesas (Arruda, 1999-2000) e isso reflecte-se na presença dos escassos mas significativos elementos com esta origem. No entanto predomina uma personalidade indígena que reforça a importância das relações estabelecidas em períodos anteriores, importância que devia estar em decadência a julgar pelas escassas peças de metal documentadas nestes estratos, praticamente limitadas ao que consideramos como o “broche de cinturão de um garfo” e várias contas de colar

Fase II - Povoado do Bronze Final II (séculos X - VIII a.C.)

Corresponde a um povoado com cerca de 4,5 ha de extensão delimitado por várias linhas de muralhas e fossos. Este povoado do Bronze Final Pré-Colonial identifica-se como o habitat de uma comunidade com evidentes preocupações defensivas, o que explica, para além da localização estratégica, a construção de um sistema de muralhas de dimensões e complexidade até hoje desconhecidas a Sul do Tejo. Desenvolvendo-se em três plataformas sobranceiras a um meandro apertado do Guadiana, o acesso aos Ratinhos é bastante difícil por qualquer das vertentes, mesmo pela mais aberta, virada a Sudoeste, que apresenta a vantagem de estar em relação mais directa com o Guadiana ainda que enquadrada por duas elevações menores.

Das quatro linhas de muralhas observáveis à superfície, foi decidido nesta campanha sondar a segunda, sendo possível observar uma tipologia construtiva homogénea e complexa, relativamente bem conservada. Apesar da muralha propriamente dita conservar pouco mais de 1 m de altura, a envergadura dos vestígios permite concebê-la como uma obra de 6 a 7 m de altura. Esta, no entanto, não se apresenta no mesmo estado nos dois cortes, uma vez que na sondagem “A” foi afectada pelos níveis de ocupação da Fase 1. Por esse motivo foi a sondagem “B”, sem presença

posterior apreciável na primeira fase, que proporcionou maior e melhor informação sobre a estrutura e monumentalidade da muralha.

As quadrículas B1 e B2 conservam os restos do primeiro elemento da linha de muralha, um pano de 7 m de largura construído com dois muros paralelos, apresentando o exterior uma espessura de 3,5 m (IId1=n.º 2) e o interior 1,5 m (IId2=n.º 1). O tramo interior, de 2 m de largura, era maciço, composto de sucessivas camadas de pedras alternando com camadas de terra compactada, assentando sobre a superfície natural do substrato rochoso, endurecido pelo fogo. Pelo menos são estas as conclusões provisórias que nos traz a sequência de estratos documentados em B1 (IIa-a2/IIb/IIc).

A necessidade de uma estrutura com semelhante espessura justifica-se pela fraca qualidade técnica da construção, própria da tradição construtiva pré-histórica, agravada pela deficiente adequação da matéria-prima utilizada, xisto ferruginoso do substrato local, uma pedra pouco consistente e com tendência para a esfoliação. Os muros mostram uma técnica de construção que recorre ao empilhamento de pedras de xisto, de dimensões médias e relativamente normalizadas, em sucessivos planos horizontais, contidas no flanco exterior por outras pedras, de maior dimensão, cravadas oblíqua ou verticalmente, e no interior por camadas de enchimento. Todas estas pedras estão aplicadas “a seco”, não se observando o uso de barro ou qualquer outro ligante.

Esta técnica seria, no entanto, insuficiente para se atingir uma altura defensiva eficaz, não fosse o aproveitamento das vantagens obtidas com os taludes naturais do Outeiro dos Castelos. Com efeito, neste sector da 2.ª linha de muralhas verificou-se que o talude natural foi preparado mediante a realização de uma fundação, composta por uma camada de terra compactada com pedra de xisto triturada (IIIf=n.º 4), que se dispõe paralelamente à pendente e assegura não apenas a base exterior de apoio à muralha mas também a escorrência necessária para que as águas da chuva não arruinem o pano de muralha. Uma “coroa” de lajes de xisto empilhadas e contidas por outras cravadas em “cunha” servia de contenção a este estrato de fundação. (IIIi =n.º 5).

O interesse em evitar alagamentos inoportunos, já que a maior ameaça a qualquer fortificação, segundo Philon de Bizâncio e Vitruvius, é uma preparação inadequada do subsolo que favoreça a acumulação de águas (Adam, 1982, p. 16-39) implicaria, em convergência com razões ligadas a um certo desejo de ostentação monumental, a “construção” de um terceiro elemento defensivo nesta 2.ª linha, um fosso de mais de 2 m de abertura por 2 m de profundidade (n.ºs 6-7). Esta estrutura, escavada directamente no substrato rochoso, apresenta um perfil regular e complexo composto por uma secção em “V”, facetada pelo exterior e terminando num canal em forma de “U” com cerca de 0,40 m de largura. Esta canalização, surpreendentemente regular, aponta para um uso destinado a evacuar as águas pluviais que escorressem pela pendente, função em que seria auxiliada por vários canais irregulares abertos no substrato rochoso, entre a orla da fundação (IIIi) e a face interior do fosso. Após o fosso a rocha do substrato “emerge” destacando cortantes “encrespamentos” como que formando uma “barreira de pedras fincadas”, lembrando os “cavalos de frisa” do Passo Alto.

Ainda que sobre a presença e a origem destas muralhas no Sudoeste haja muito que investigar (Antunes, no prelo; Arruda, 1999-2000, p. 261; Aubet, 1994, p. 252), o Castro dos Ratinhos proporcionou um primeiro e detalhado registo, se comparado com o sofrível estado de conservação das muralhas que foram sondadas anteriormente na Corôa do Frade ou em Passo Alto. O sistema construtivo parece-nos de carácter indígena ainda que os critérios estruturais aconselhem prudência pois é patente alguma semelhança com as primeiras muralhas fenícias da Península Ibérica e também as do interior da Andaluzia que são derivadas das anteriores: linhas amuralhadas construídas em adobe sobre bases de pedra seca com paramentos exteriores em talude circundadas por fossos (Ruiz Mata, 1999; Escacena e Fernández Troncoso, 2002).

O registo material associado às camadas de abandono e destruição da muralha apontam para um período avançado do Bronze Final atlântico peninsular. Com efeito, à ausência de cerâmicas fabricadas ao torno, acrescenta-se o predomínio e abundância de vasos com “ornatos brunidos” de todos os círculos do Sudoeste, incluindo algumas manifestações estéticas que permitem falar de um verdadeiro “estilo Ratinhos”. São acompanhadas de cerâmicas tradicionais como as decoradas “a cepillo” e de outras que apontam para relações claras com as terras das Beiras e da Meseta espanhola, ainda que em menor quantidade do que se observará na fase seguinte. Em associação surge um bom número de elementos de metal, sempre em bronze, entre os quais se destacam os pregos e ou botões de caldeiros, escudos ou outros elementos compósitos próprios da época, assim como outras peças relacionadas com adereços pessoais (alfinetes de cabelo, contas de colar talhadas em quartzo, anel...) ou com actividades metalúrgicas de prestígio (escopro ou cinzel).

Nesta fase de ocupação a ausência de cerâmicas de roda e a presença maioritária e variada de cerâmicas de “ornatos brunidos” permite propor uma data anterior ao final do século VIII a.C., momento que marca também a presença das primeiras cerâmicas ao torno importadas, tal como se verificou no Alto dos Castelinhos da Serra (Gibson et al., 1998). Diferente será a data que poderia supor-se para o seu início, pelo menos desde o século X a.C., data conjecturável para o célebre enterramento de Roça do Casal do Meio (Vilaça et al., 1999, p. 17; Spindler e Ferreira, 1973). É possível que estas cerâmicas fossem já produzidas em meados do século XI a.C., como propõe M. Torres (2002, p. 128) ou mesmo antes (XIII/XII a.C.) como sugere Monge Soares (no prelo), mas o que é certo é que todas estas datas são provisórias e é necessário esperar os resultados de um número suficiente de datações ^{14}C de campanhas futuras⁹.

6.2. *Ratinhos, local central do Bronze Final do Guadiana*

A importância do Castro dos Ratinhos no que respeita à ocupação diacrónica das terras do Baixo Guadiana viu-se plenamente confirmada em termos arqueológicos e patrimoniais com a descoberta de um importante povoado fortificado do Bronze Final (séculos X-VIII a.C.) e do Ferro Antigo (séculos VII-VI a.C.). Este povoado revelou-se desde esta primeira campanha de sondagens como um habitat de primeira ordem na rede de povoamento do Guadiana, historicamente só comparável com sítios da importância de Mértola ou Badajoz. Com efeito, numa primeira fase, os habitantes dos Ratinhos aproveitaram a sua privilegiada posição face às vias naturais que favorecem o trânsito “comercial” de matérias-primas S-N-S ao longo do Guadiana, manifestando o seu poder e riqueza através da monumentalidade das respectivas defesas, como foi sugerido previamente por Rui Parreira (1998, p. 272).

A riqueza dos materiais cerâmicos e metálicos recolhidos nestas primeiras sondagens reforçam, por outro lado, a importância deste sítio no quadro do povoamento de uma vasta área, registando-se um dos maiores conjuntos de cerâmicas de “ornatos brunidos” conhecido em Portugal (373 peças), mostrando todos os estilos peninsulares para além de características específicas desta jazida. A presença de materiais cerâmicos relacionados com o Centro de Portugal e a Meseta espanhola parece, por outro lado, preludiar a abertura generalizada a que conduz o seu povoamento a partir do século VIII a.C.

Esta data supõe, algures durante esse século, uma mudança no povoamento do Outeiro dos Castelos, orientando-se a respectiva população para uma maior abertura ao Mediterrâneo que se manifesta com a aparição das primeiras importações fenícias. O abandono da muralha e a adopção da planta rectangular na construção das habitações, mudanças sugeridas pelos vestígios docu-

mentados nestas sondagens, vem coincidir com o que se intui de outros povoados contemporâneos do território português (Mataloto, 2004, p. 97 ss.; Arruda, 1999-2000, p. 261; Soares e Silva, 1998, p. 239-240).

Apesar de tudo, estas novas relações anunciam o final do Castro já nos primeiros séculos da I Idade do Ferro. Como acontece com outros povoados contemporâneos e também com a presença fenícia ao longo das costas portuguesas durante o século VI a.C., segue-se um processo depressivo que se manifestará no abandono de muitos destes habitats.

Em síntese, a primeira campanha de escavações no Outeiro dos Castelos dos Ratinhos veio finalmente comprovar a importância arqueológica, histórica e monumental dos seus vestígios e a mais valia informativa que pode trazer ao conhecimento das comunidades que habitaram este e outros povoados fortificados do Bronze Final do Sudoeste. Uma informação que é especialmente valiosa em face da ausência de escavações em extensão noutros povoados desta mesma época como lembrou recentemente a professora da Universidade de Lisboa, Ana Margarida Arruda, na publicação “Los Fenicios en Portugal” (Arruda, 2002, p. 199-200, 260-261): “La existencia en el Alentejo y en el Algarve de gran número de poblados fortificados, instalados sobre lugares de cumbres, con buenas condiciones naturales de defensa y amplia visibilidad, parece ser cierta, ya que aparecen señalados en numerosas cartas arqueológicas elaboradas, mencionando algunos materiales. Pero se desconoce casi todo sobre la organización de las estructuras habitacionales, de sus plantas y de las posibles áreas funcionales en el interior del espacio habitado. Este desconocimiento proviene, fundamentalmente, del hecho de que la gran mayoría de estos yacimientos están escasamente documentados. De los pocos excavados (Manganha, S. Brás, Castelo do Giraldo, Corôa do Frade) existe escasa información, ya que las áreas de objeto de los trabajos arqueológicos fueron siempre reducidas, y puede decirse que los datos obtenidos raramente se han publicado en su totalidad, conociéndose únicamente algún material. Sólo Corôa do Frade proporcionó una planta de la fortificación, así como dibujo de los materiales.”

Para alterar este déficit de conhecimento e património, o projecto “Ratinhos” apresenta agora os seus primeiros resultados, esperando poder tirar partido das circunstâncias excepcionais reunidas em torno deste importante sítio arqueológico, para proporcionar à investigação arqueológica e à cultura um contributo à altura das naturais expectativas.

Agradecimentos

O projecto de Estudo e Valorização do Castro dos Ratinhos (EVCR) ainda que candidato ao Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos promovido pelo IPA em 2003, acabou por ser financiado em exclusivo pela EDIA, a quem agradecemos na pessoa do respectivo Presidente do Conselho de Administração, Dr. Joaquim Marques Ferreira. Agradecemos igualmente registar o interesse e colaboração da Câmara Municipal de Moura, do IPPAR, da Gestalqueva e da DEGEBE, entidades que a diferentes níveis também apoiam o projecto. O nosso reconhecimento vai ainda para a excelente equipa de colaboradores de campo com quem tivemos oportunidade de trabalhar, nomeadamente os arqueólogos Rafael Caso (“Projecto Capote”) e Maria Furtado (Archeoestudos), os investigadores estagiários da UAM, Cristina Ferreira, Maria Azcona, Lucia Estravís, Patricia Romero, Victor Rodero e Manuel Perez, o topógrafo Armando Guerreiro (Degebe), bem como as equipas de auxiliares técnicos da Archeoestudos (Lídia Segão, Antónia Oliveira, Victor Gortegano e André Carvalho) e trabalhadores do Centro de Emprego de Moura/Câmara Municipal (Mateus Ramos, Francisco Vendinhas, Helder Bexiga e António José).

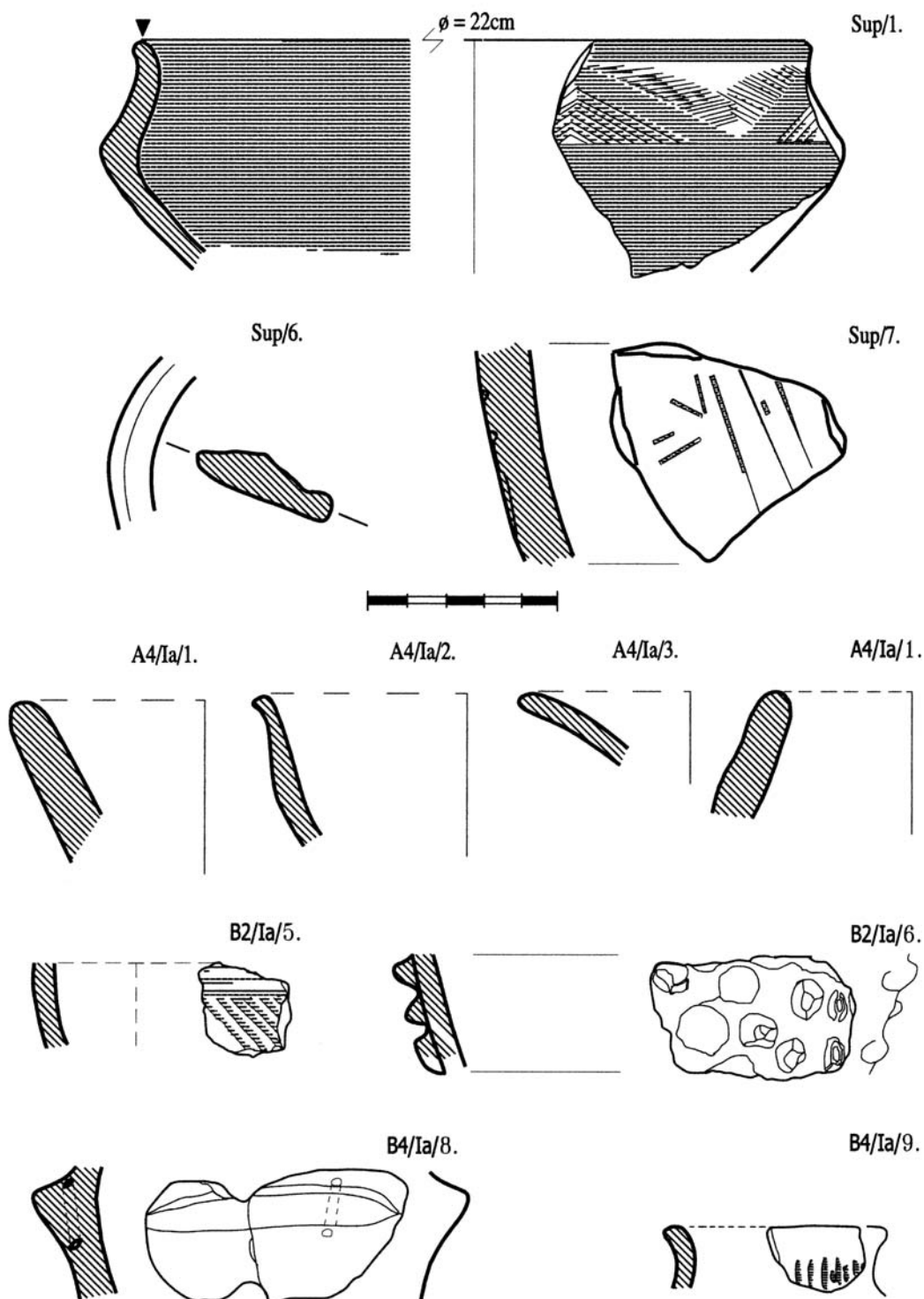


Fig. 6 Cerâmicas procedentes da prospeção da área norte (Sup/) e das camadas de abandono e sedimentação histórica.

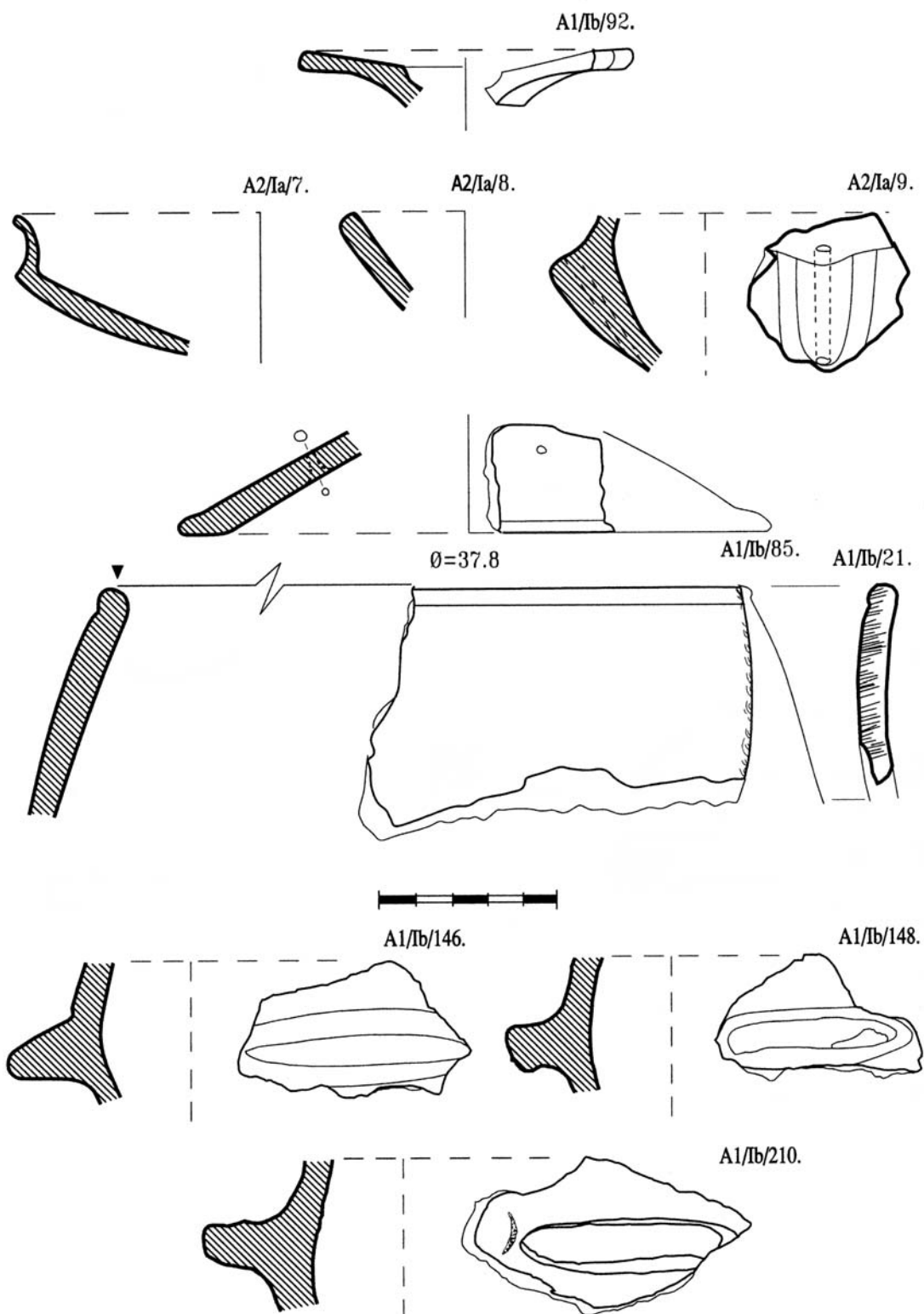


Fig. 7 Cerâmicas procedentes da camada de destruição da Fase I (séculos VII-VI a.C.) na Sondagem "A".

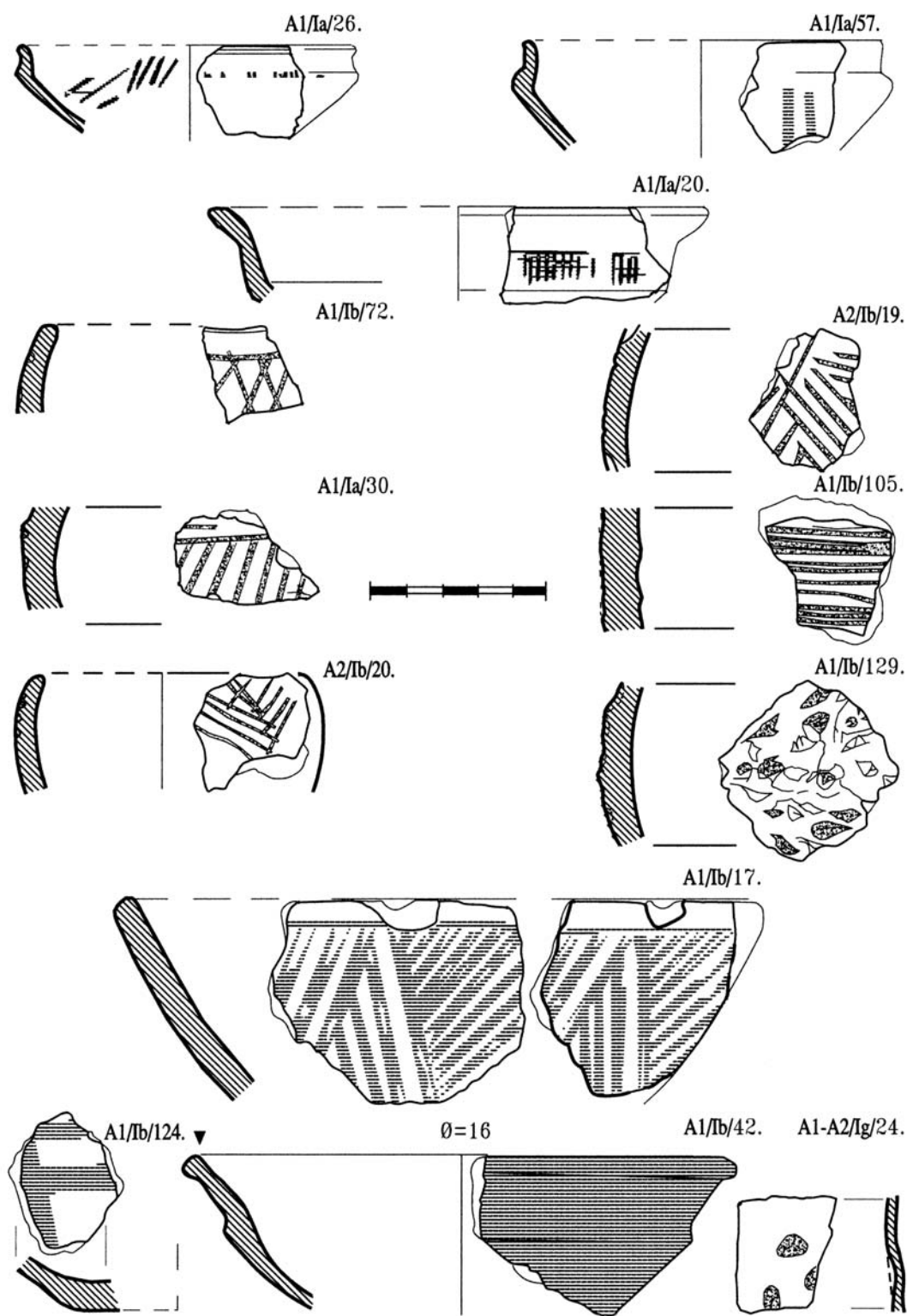


Fig. 8 Cerâmicas procedentes da camada de destruição e uso da Fase I (séculos VII-VI a.C.) na Sondagem "A", unidade arqueológica "A1-A2".

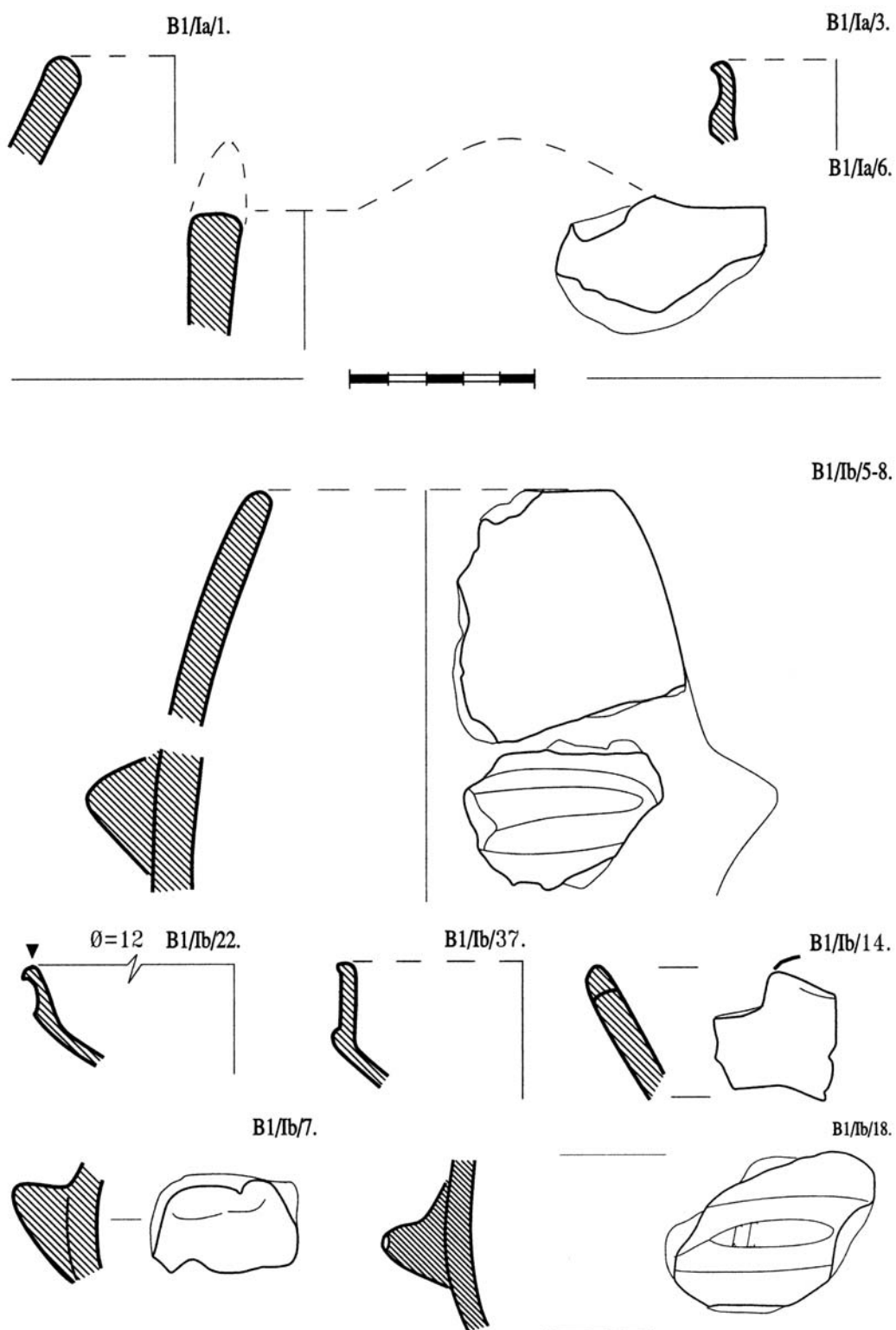


Fig. 9 Cerâmicas procedentes das camadas de abandono (Ia) e destruição (Ib) da Fase I (séculos VII-VI a.C.) na Sondagem “B”, sobre a muralha do Bronze Final.

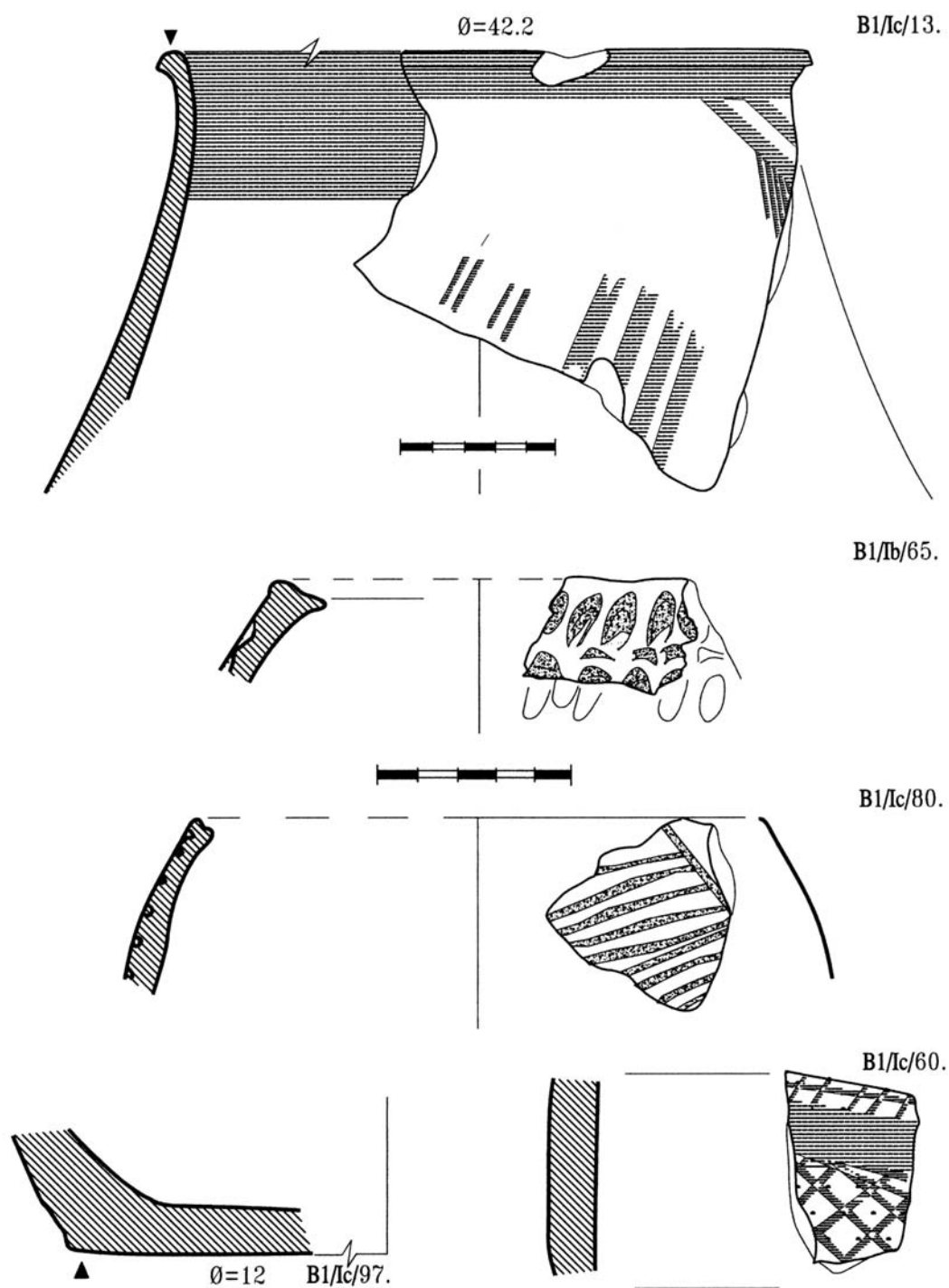


Fig. 10 Cerâmicas procedentes das camada de destruição (Ib) e solo de uso da Fase I (séculos VII-VI a.C.) em "B1", sobre a muralha do Bronze Final.

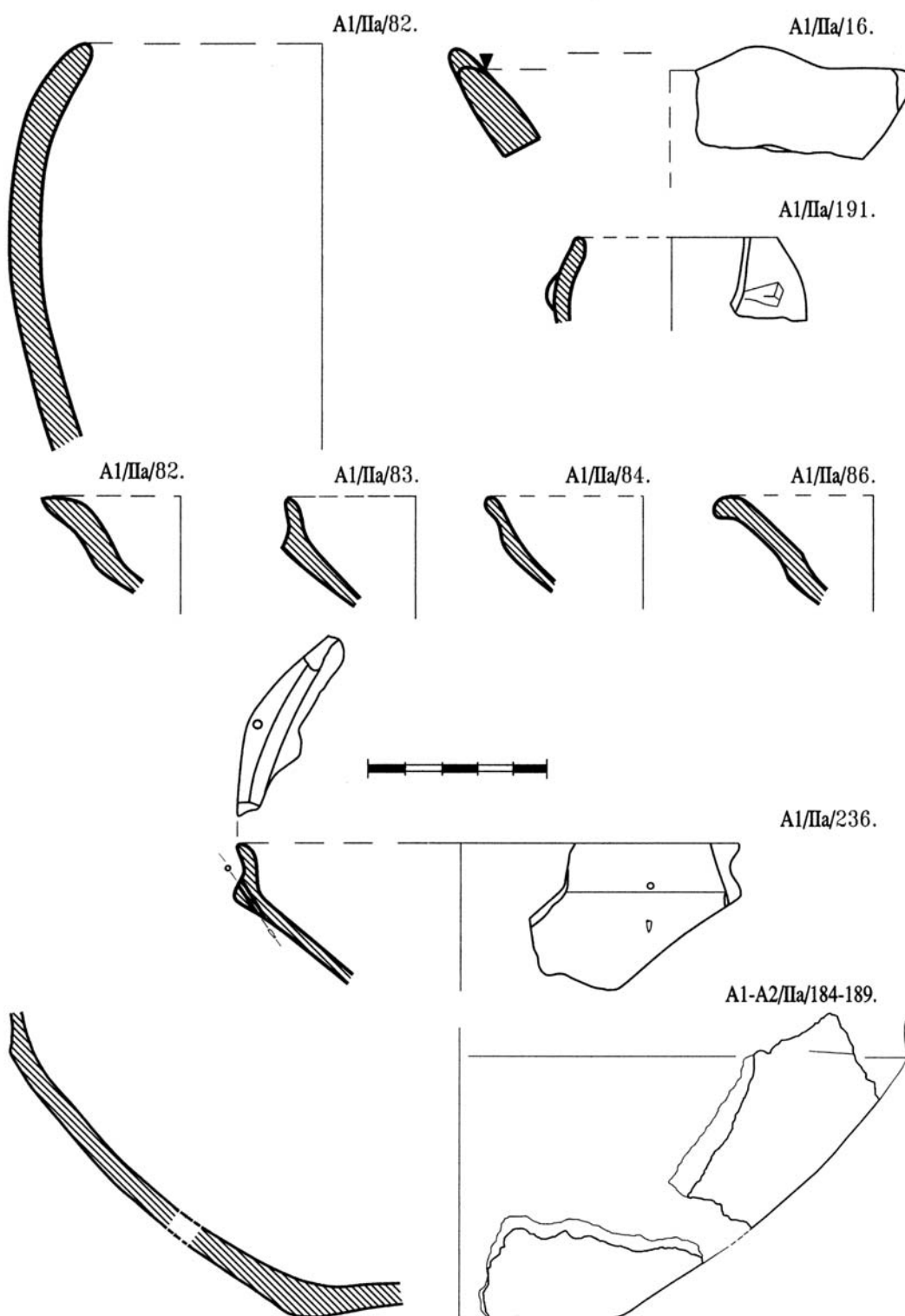


Fig. 11 Cerâmicas procedentes das camadas de abandono (IIa) da muralha, Fase II (séculos X?-VIII a.C.) e de nivelamento da sequência posterior, Fase I (séculos VII-VI a.C.).

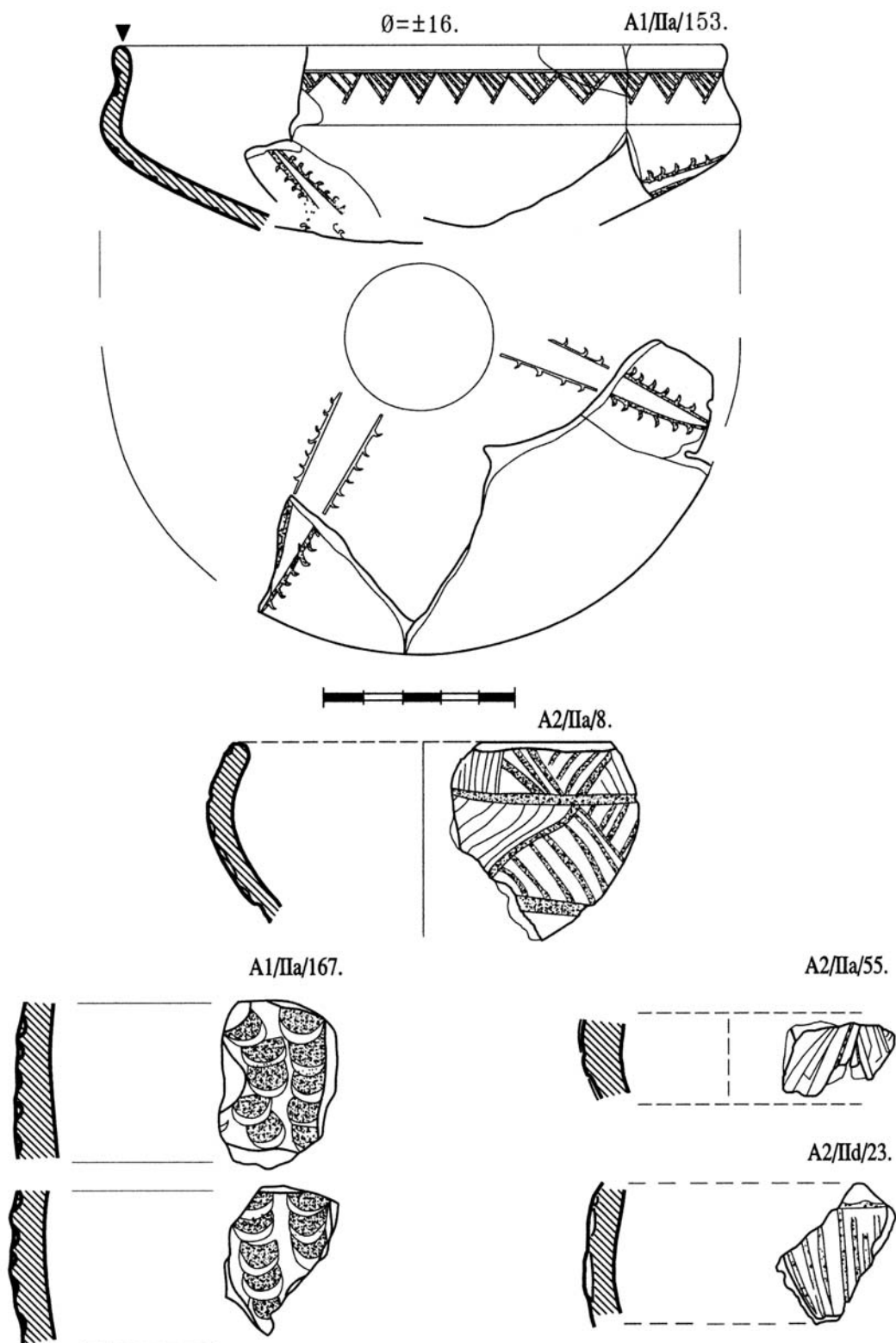


Fig. 12 Cerâmicas incisas, impressas e excisas da camada de abandono (IIa) da muralha, Fase II (séculos X?-VIII a.C.) e de nivelamento da sequência posterior, Fase I (séculos VII-VI a.C.) da sondagem "A".

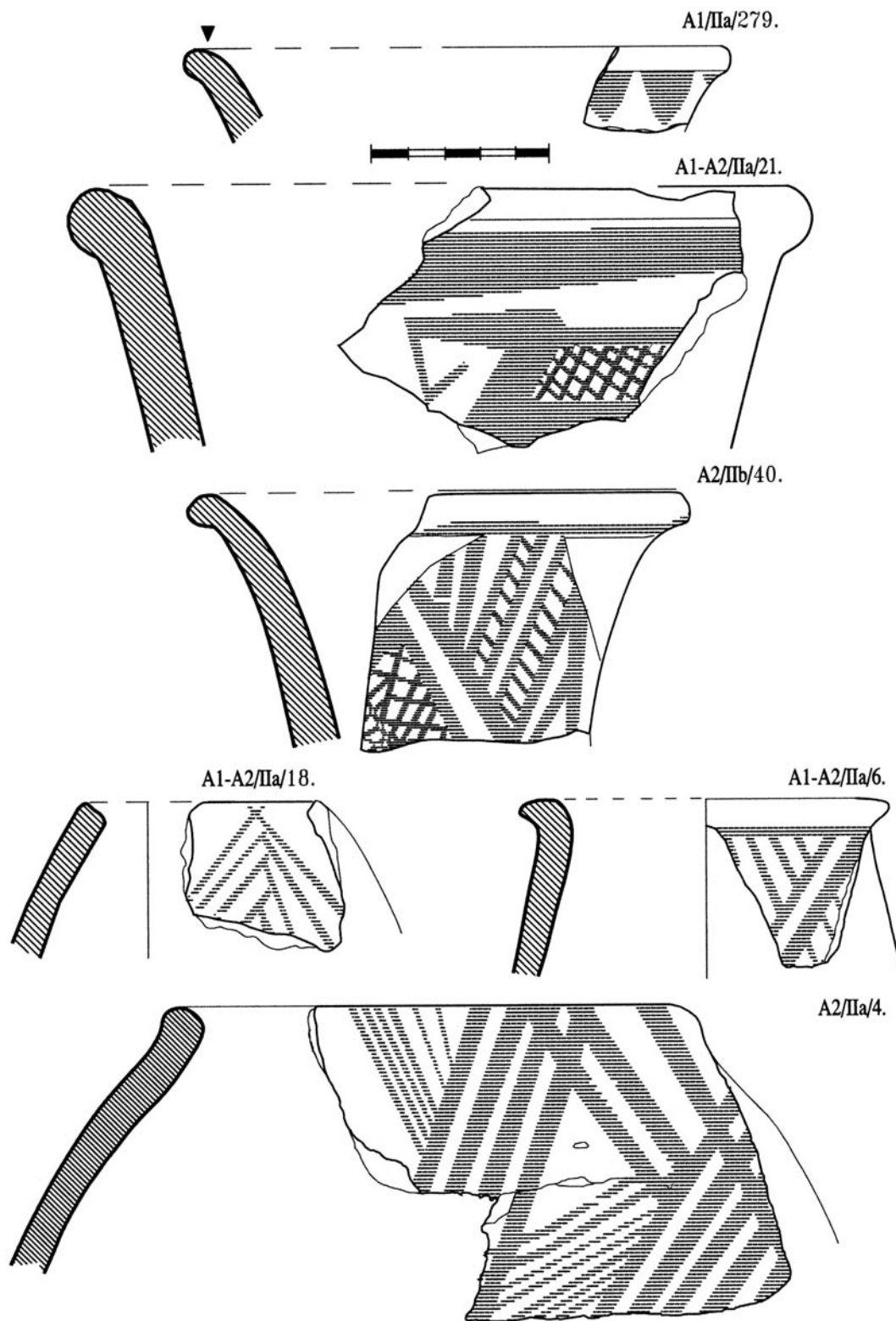


Fig. 13 Cerâmicas de ornatos brunidos da camada de abandono (IIa) da muralha, Fase II (séculos X?-VIII a.C.) e de nivelamento da sequência posterior, Fase I (séculos VII-VI a.C.) da sondagem "A", por baixo da UA "A1-A2".

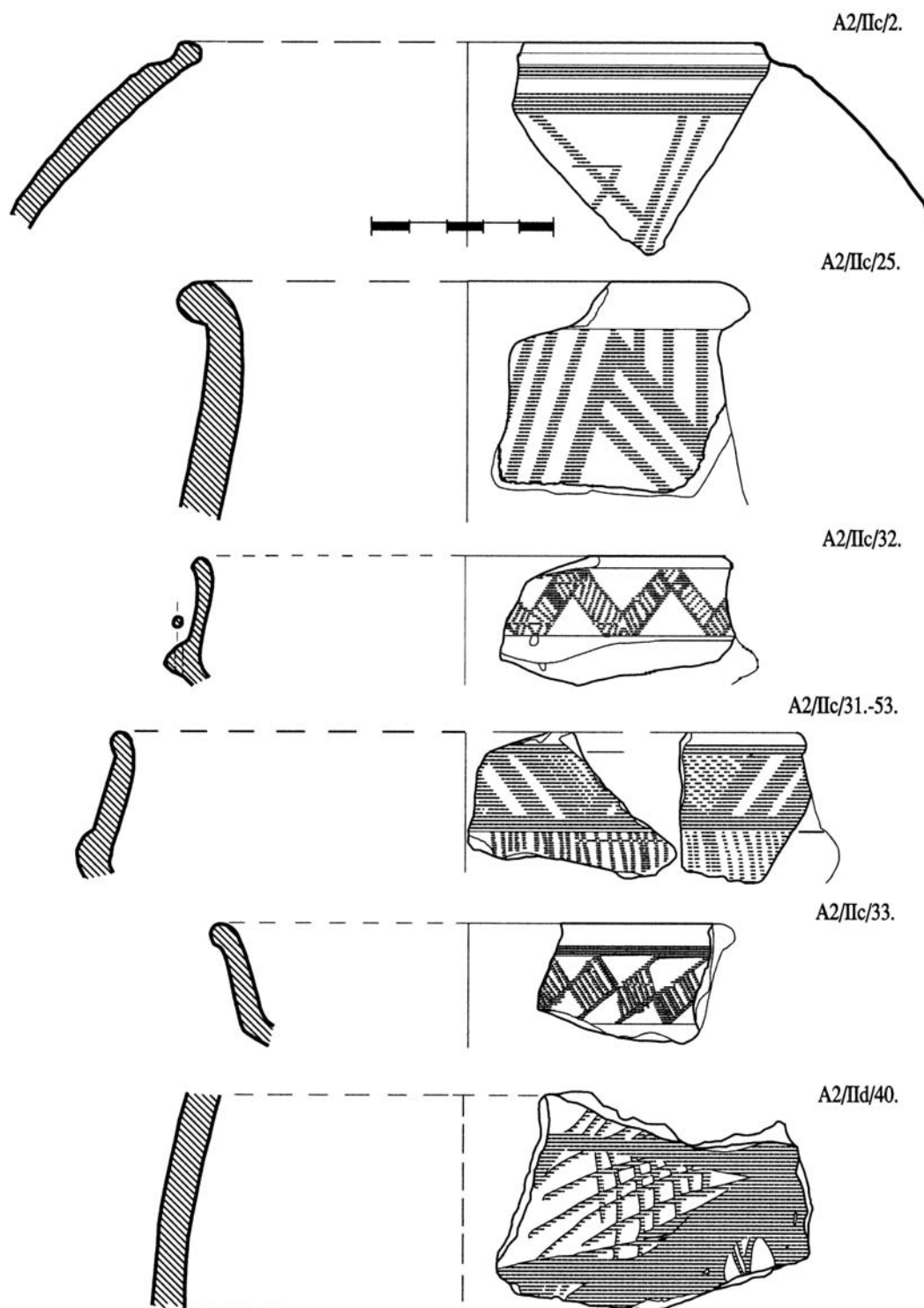


Fig. 14 Cerâmicas de ornatos brunidos das camadas de uso e construção (IIc e IIId) da muralha, Fase II (séculos X?-VIII a.C.) da sondagem "A".

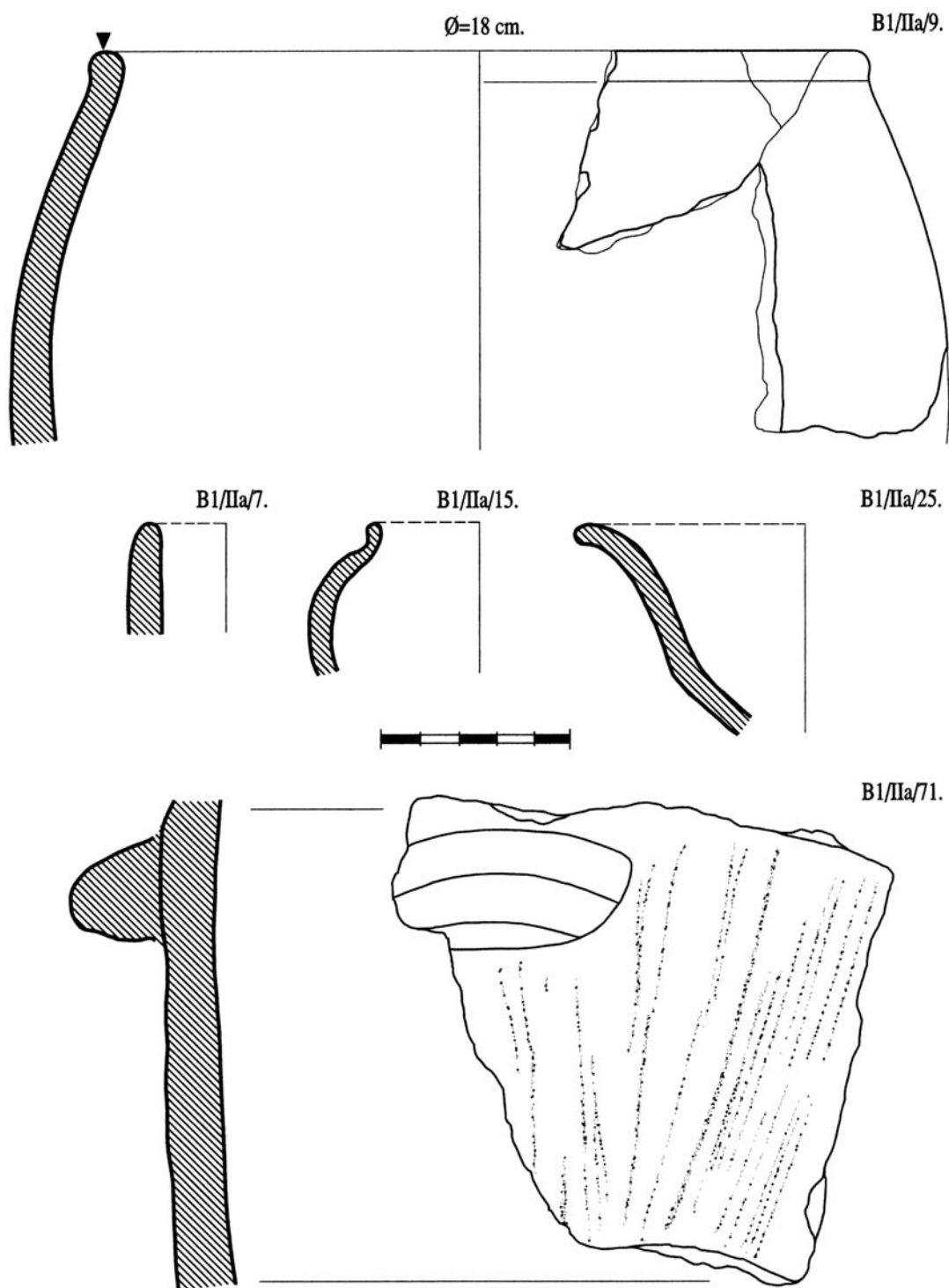


Fig. 15 Grandes vasilhas e outros recipientes lisos e “cepillados” (n.º 71) procedentes da camada de abandono (IIa) da muralha, Fase II (séculos X?-VIII a.C.) e de nivelamento da sequência posterior, Fase I (séculos VII-VI a.C.) da sondagem “B1”.

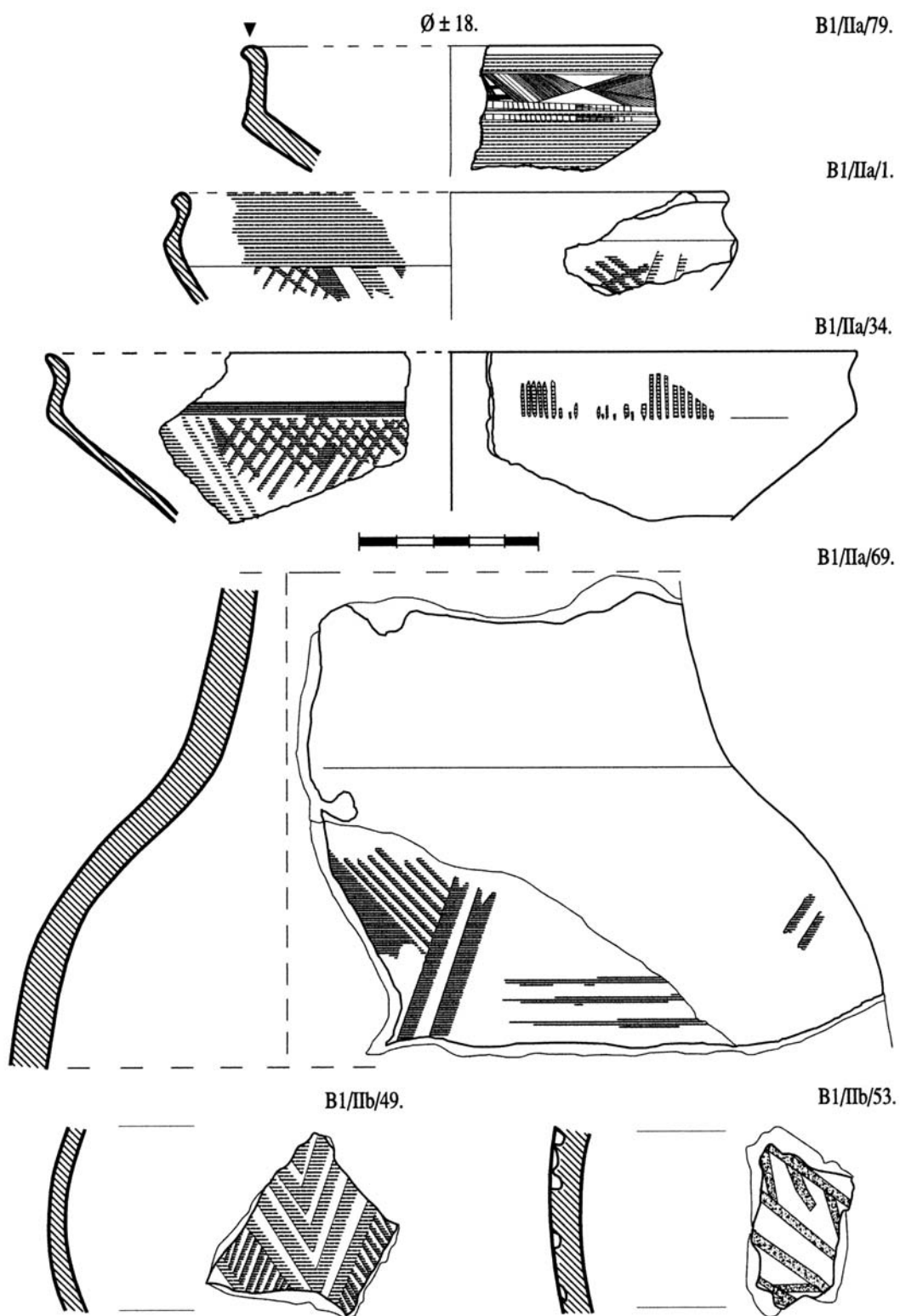


Fig. 16 Cerâmicas brunidas e “acanaladas” da camada de abandono (IIa) e destruição (IIb) da muralha, Fase II (séculos X?-VIII a.C.) da sondagem “B1”.

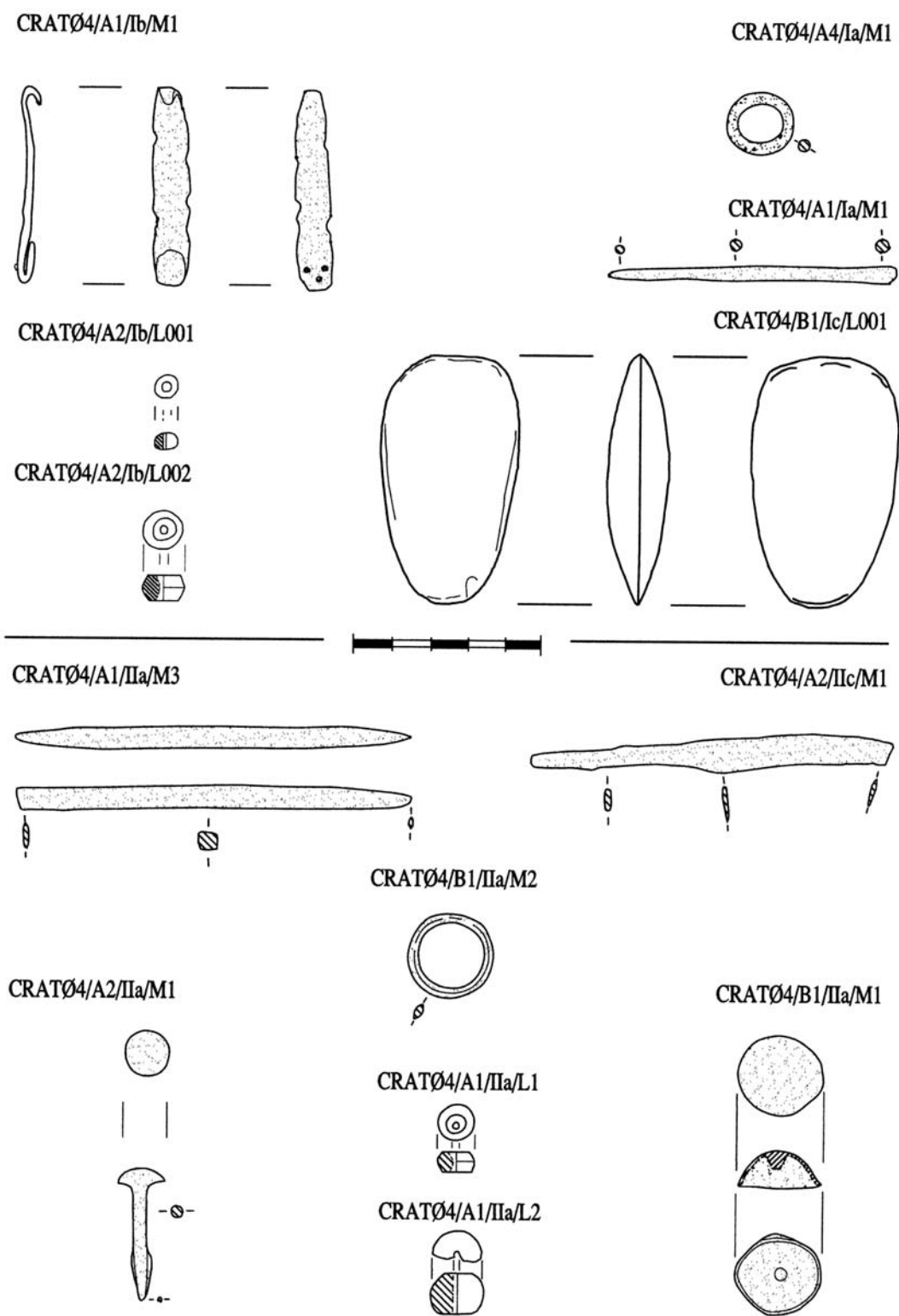


Fig. 17 Metade superior: bronzes, contas de colar e machado de pedra polida das camadas da Fase I (séculos VII-VI a.C.). Na metade inferior: bronzes e contas de colar procedentes da Fase I (séculos X?-VIII a.C.). A conta A2/Ib/L001 é de pasta de vidro negra.

NOTAS

- ¹ Arqueólogo, IPPAR
- ² Arqueólogo, Professor titular
Universidad Autónoma de Madrid (UAM)
- ³ Wanda Rodrigues era aluna de Manuel Farinha dos Santos e estes trabalhos fariam parte da preparação de uma “tese de licenciatura” sobre a “Arqueologia de Moura”, presente à Faculdade de Letras de Lisboa. Segundo informação de Santiago Macias, que agradecemos, na Biblioteca daquela Faculdade não foi possível encontrar cópia da referida tese.
- ⁴ Cópias do requerimento bem como do parecer da Junta Nacional de Educação, assinado em 22 de Agosto de 1970 pelo vogal Fernando de Almeida, encontram-se no processo JN9/1(41) da Direcção Geral do Ensino Superior e das Belas Artes hoje arquivado no IPPAR.
- ⁵ Utiliza-se a projecção Gauss, Datum 73 de Lisboa, dada ser essa a projecção comum a toda a cartografia de base da EDIA
- ⁶ Esta forma é típica dos pratos fenícios com engobe vermelho brilhante ainda que nesta peça não se verifique resto de pintura ou engobe.
- ⁷ “*Indícios ainda ténues e, por vezes contraditórios, devido ao conhecimento ainda incipiente do Bronze Final em outras zonas do Sudoeste, apontam, contudo, para a existência de outros estilos sub-regionais na grande área de dispersão desta cerâmica...*” agradecemos ao Doutor Monge Soares a utilização deste importante trabalho ainda no prelo.
- ⁸ Frequentemente são confundidas com cornalina mas a identificação de quartzo hematoido que propusemos em 1994 viu-se confirmada pela análise efectuada sobre uma das contas achadas no povoado da Serra do Álamo, segundo A. Monge Soares (no prelo).
- ⁹ Na campanha de 2004 foram recolhidas duas amostras a partir de carvões extraídos do fosso (IIa1, camada de abandono) e de ossos da camada interfacial IIa de A1, para datação radiocarbónica no LNETI. Os respectivos resultados, que agora divulgamos em 1.ª mão (**Sac 1978 e Sac 1979**), poderão ajudar a datar o final desta fase e a sua transição para a Idade do Ferro (v. p. 140 e 142).

BIBLIOGRAFIA

- ADAM, J. P. (1982) - *L'architecture militaire grecque*. Paris: Picard.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (1977) - *El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura*. Madrid: CSIC.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (1998) - “Precolonización” y cambio socio-cultural en el Bronce Atlántico. In JORGE, S. O., ed. - *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 81-100.
- ALMAGRO-GORBEA, M.; MARTÍN BRAVO, A. M. (1994) - Medellín 1991. La ladera Norte del Cerro del Castillo. In ALMAGRO-GORBEA, M.; MARTÍN BRAVO, A. M., eds. - *Castros y oppida en Extremadura*. Madrid: Editorial Complutense (Complutum - Extra; 4), p. 77-127.
- ÁLVAREZ, P.; PÉREZ ARRONDO, C. (1987) - *La cerámica excisa de la Primera Edad del Hierro en el Valle Alto y Medio del Ebro*. Logroño: Gobierno de La Rioja, Instituto de Estudios Riojanos.
- ANTUNES, A. S. (no prelo) - A Idade do Ferro na Serra de Portel: entre o litoral atlântico e o interior peninsular. In *Primeras Jornadas Científicas de Jóvenes Investigadores (Salamanca, 2003)*.
- ANTUNES, M. T.; CUNHA, A. S. (1986) - O crânio de Garvão (século III a.C.): *causa mortis*, tentativa de interpretação. *Trabalhos de Arqueologia do Sul*. Évora. 1, p. 79-86.
- ARNAUD, J. M. (1979) - Coroa do Frade. Fortificação do Bronze Final dos arredores de Évora. Escavações de 1971-1972. *Madridrer Mitteilungen*. Mainz. 20, p. 56-100.
- ARRUDA, A. M. (2002) - *Los Fenicios en Portugal. Fenicios e indígenas en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Barcelona: Universidad Pompeu Fabra.
- AUBET, M. E. (1994) - *Tiro y las colonias fenicias de Occidente*. Barcelona: Critica.
- BARROSO BERMEJO, R. M. (2002) - *El Bronce Final y los comienzos de la Edad del Hierro en el Tajo superior*. Alcalá de Henares: Universidad.
- BEIRÃO, C. M. (1986) - *Une civilisation protohistorique du Sud du Portugal (1^{er} Âge du Fer)*. Paris: De Boccard.
- BEIRÃO, C. M.; GOMES, M. V. (1983) - A necrópole da Idade do Ferro do Galeado (Vila Nova de Milfontes). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 1, p. 207-266.
- BEIRÃO, C. M.; GOMES, M. V. (1985) - Grafitos da Idade do Ferro do Centro e Sul de Portugal. In *Actas del III Coloquio sobre Lenguas y culturas Paleohispánicas (Lisboa, 1980)*. Salamanca: Universidad, p. 465-499.
- BERROCAL-RANGEL, L. (1992) - *Los pueblos célticos del Suroeste peninsular*. Madrid: Editorial Complutense.
- BERROCAL-RANGEL, L. (1993) - *La Segunda Edad del Hierro en las Cuencas del Sado y del Guadiana. Aproximación arqueológica a los Célticos del Suroeste Peninsular*. Tesis doctoral microfilmada de la Universidad Autónoma de Madrid.
- BERROCAL-RANGEL, L. (1994) - *El altar prerromano de Capote. Ensayo etnoarqueológico sobre un ritual prerromano en el Suroeste peninsular*. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid.

- BERROCAL-RANGEL, L. (2003) - La expansión meridional de los chevaux-de-frise: los castros célticos del Suroeste. La expansión meridional de los *chevaux-de-frise*: Los castros célticos del Suroeste. In ALONSO, N.; JUNYENT, E.; LAFUENTE, A.; LÓPEZ, J. B., eds - *Chevaux-de-frise i fortificació en la primera edat del ferro*. Lleida: Universidad, p. 209-232.
- BLASCO BOSQUED, M. C.; BAENA, J.; MILLÁN, A.; BENEITEZ, P.; ESPAÑA, E.; CALDERÓN, T. (1993) - El Hierro Antiguo en el Alto Tajo. Aproximación cultural y marco cronológico apoyado en cuatro fechas de termoluminiscencia del yacimiento de La Capellana. *Madrider Mitteilungen*. Mainz. 34, p. 48-71.
- BUBNER, T. (1996) - A cerâmica de ornatos brunidos em Portugal. In *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C.* Lisboa: IPM, p. 66-72.
- CALADO, M. (2002) - Povoamento pré- e proto-histórico da margem direita do Guadiana. *Al-madan*. Almada. 11, p. 122-127.
- CARDOSO, J.L. (1995) - As cerâmicas de ornatos brunidos da Lapa do Fumo. In *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*. Lisboa: IPM, p. 88-89.
- CARDOSO, J. L. (2000) - Manifestações funerárias da Baixa Estremadura no decurso da Idade do Bronze e Idade do Ferro: breve síntese. In JORGE, V. O., ed. - *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular (UTAD, Vila Real, Portugal. Setembro de 1999)*, vol. 5. *Proto-História da Península Ibérica*. Porto: ADECAP, p. 61-100.
- COFFYN, A. (1985) - *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*. Paris: De Boccard.
- CORREIA, V. H. (1995) - The Iron Age in South and Central Portugal and the Emergence of Urban Centres. In KEAY, S.; CUNLIFFE, B., eds. - *Social Complexity and the Development of Towns in Iberia from Copper Age to the Second Century AD*. Oxford: Oxford University Press, p. 237-262.
- DELIBES DE CASTRO, G. (1977) - *El vaso campaniforme en la meseta norte española*. Valladolid: Universidad.
- ESCACENA, J. L.; FERNÁNDEZ TRONCOSO, G. (2002) - Tartessos fortificado. In AMORES, F., ed. - *Fortificaciones en el entorno del Bajo Guadalquivir*. Alcalá de Guadaíra: Ayuntamiento, p. 109-127.
- FABIÃO, C. (1998) - *O mundo indígena e a sua romanização na área céltica do território português*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- FERREIRA, O. da V. (1971) - Cerâmica negra de tipo grego encontrada em Portugal. *Arqueologia e História*. Lisboa. 9ª serie. 3, p. 313-332.
- GARCÍA SANJUÁN, L. (1999) - *Los orígenes de la estratificación social. Patrones de desigualdad en la Edad del Bronce del Suroeste de la Península Ibérica (Sierra Morena Occidental. C. 1700 - 1100 A.N.E.)*. Oxford: Archaeopress.
- GAMITO, T. J. (1997) - A cerâmica de retícula brunida do Castro dos Ratinhos (Moura). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 8-10, p. 277-297.
- GAMITO, T. J. (1988) - *Social complexity in South West Iberia, 800-300 BC. The case of Tartessos*. Oxford: British Archaeological Reports.
- GIBSON, C.; CORREIA, V. H.; BURGESS, C. B.; BOARDMANN, S. (1998) - Alto do Castelinho da Serra (Montemor-o-Novo, Évora, Portugal). A preliminary report on the excavations at the Late Bronze Age to Medieval Site, 1990-1993. *Journal of Iberian Archaeology*. Porto. 0, p. 189-244.
- GÓMEZ BELLARD, C.; COSTA, B.; GÓMEZ, F.; GURREA, R.; GRAU, E.; MARTÍNEZ, R. (1990) - *La colonización fenicia de la isla de Ibiza*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- GÓMEZ TOSCANO, F. (1997) - *El final de la Edad del Bronce entre el Guadiana y el Guadalquivir*. Huelva.
- GONZÁLEZ PRATS, A. (1983) - *Estudio arqueológico del poblamiento antiguo de la Sierra de Crevillente (Alicante)*. Alicante: Universidad.
- GONZÁLEZ PRATS, A. (1990) - *Nueva luz sobre la protohistoria del Sudeste*. Alicante: Universidad.
- GUERRA, A., FABIÃO, C.; SENNA-MARTINEZ, J. C. (1988) - O Cabeço do Castro de São Romão, Seia. Alguns resultados preliminares das campanhas 1(1985) a 3 (1987). In *I Colóquio Arqueológico de Viseu (1988)*. Viseu: Governo Civil, p. 189-234.
- HARRIS, E. C. (1989) - *Principios de estratigrafía arqueológica*. Barcelona: Crítica.
- HOURCADE, D.; LOPES, V.; LABARTHE, J.-M. (2003) - Mértola: la muraille de l'Âge du Fer. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:1, p. 175-210.
- HURTADO, V.; GARCÍA SANJUÁN, L. (1994) - Áreas funcionales en el poblado de la Edad del Bronce de El Trastejón (Zufre, Huelva). In *Arqueología en el Entorno del Bajo Guadiana*. Huelva: Universidad, p. 239-271.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2002) - *La toréutica orientalizante en la Península Ibérica*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- KALB, Ph. (1995) - Alpiarça. In *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*. Lisboa: Instituto Português de Museus, p. 90-91.
- KALB, Ph. (1998) - Produção local e relações a longa distância na Idade do Bronze Atlântico no Oeste da Península Ibérica. In JORGE, S. O., ed. - *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?* Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 157-165.
- KALB, Ph.; HÖCK, M. (1981-1982) - Cabeço da Bruxa, Alpiarça (Distrito de Santarém). Relatório preliminar da escavação de Janeiro e Fevereiro de 1979. *Portugalia*. Porto. Nova série. 2-3, p. 61-82.
- LANÇA, J. M. (2002) - Acções de salvaguarda do património arqueológico da albufeira de Alqueva. *Al-madan*. Almada. 11, p. 66-73.
- LIMA, J. F. (1944) - O castro da Azougada. *Jornal de Moura*. Moura. 18-3-1944.
- LIMA, J. F. (1960) - Castro de Ratinhos (Moura, Baixo-Alentejo). *Zephyrus*. Salamanca. 11, p. 233-237.
- LIMA, J. F. (1981) - *Elementos históricos e arqueológicos do concelho de Moura*. Moura: Biblioteca Municipal.
- LÓPEZ ROA, C. (1977) - La cerámica con decoración bruñida en el Suroeste peninsular. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 34, p. 341-370.

- LORRIO ALVARADO, A. J. (1988-1989) - Cerámica Gris Orientalizante de la necrópolis de Medellín (Badajoz). *Zephyrus*. Salamanca. 51-52, p. 283-314.
- MAIA, M. (1988) - Neves II e a facies cultural de Neves-Corvo. *Arquivo de Beja*. Beja. 2-3, p. 23-42.
- MAIA, M.; MAIA, M. G. P. (1978) - *Arqueologia da área de Neves-Corvo. Trabalhos realizados no triénio 1982-1984*. Beja: Somincor.
- MATALOTO, R. (1999) - As ocupações proto-históricas do Castelo do Giraldo (Évora). *Revista de Guimarães (Actas del I Congreso de Proto-História Europeia)*, Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, p. 333-362.
- MATALOTO, R. (2004) - *Um monte da Idade do Ferro na Herdade da Sapatoa: ruralidade e povoamento no I milénio a.C. do Alentejo Central*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- MORET, P. (1996) - *Les fortifications ibériques, de la fin de l'Âge du Bronze à la conquête romaine*. Madrid: Casa de Velázquez.
- PAVÓN SOLDEVILA, I. (1998) - *El tránsito del II al I milenio a.C. en las cuencas medias de los ríos Tajo y Guadiana: la Edad del Bronce*. Cáceres: Universidad de Extremadura.
- PARREIRA, R. (2001) - *As arquitecturas como factor de construção da Paisagem na Idade do Bronze do Alentejo Interior*. In JORGE, S. O., ed. - *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 267-273.
- PARREIRA, R.; SOARES, A. M. (1980) - Zu einigen bronzezeitlichen Höhensiedlungen in Süd-Portugal. *Madrider Mitteilungen*. Mainz. 21, p. 119-130.
- PELLICER, M.; ESCACENA, J. L.; BENDALA, M. (1983) - *El Cerro Macareno*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- PEREIRA, I. (1997) - Santa Olaia et le commerce atlantique. In ÉTIENNE, R.; F. MAYET, F., eds. - *Itinéraires lusitaniens. Trente années de collaboration archéologique luso-française*. Paris: De Boccard, p. 209-253.
- PÉREZ MACÍAS, J. A. (1981) - Introducción al Bronce Final en el Noroeste de la provincia de Huelva. *Habis*. Sevilla. 12, p. 207-237.
- PÉREZ MACÍAS, J. A. (1992) - El yacimiento del Bronce Final de Los Riscos del Castillo (Cabezas Rubias, Huelva). *Cuadernos del Suroeste*. Huelva. 3, p. 89-114.
- RODRIGUES, A.V. (s/d) - *Arqueologia da Península Hispânica*. Porto.
- RUANO RUIZ, E. (1996) - *Las cuentas de vidrio prerromanas del Museo Arqueológico de Ibiza y Formentera*. Eivissa: Museu Arqueològic d'Eivissa i Formentera.
- RUIZ MATA, D. (1979) - El Bronce Final - Fase Inicial - en Andalucía Occidental. Ensayo de definición de sus cerámicas. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 52, p. 3-19.
- RUIZ MATA, D. (1999) - La fundación de Gadir y el Castillo de Doña Blanca. *Complutum*. Madrid. 10, p. 279-317.
- SÁNCHEZ-PALENCIA, F. J.; OREJAS, A. (1991) - Foto-interpretación y prospección arqueológica: ocupación y explotación del territorio. In *Arqueología. Nuevas tendencias*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, p. 1-22.
- SCHUBART, H. (1965) - Uma necrópole da Idade do Bronze no Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*. Beja. 22, p. 7-79.
- SCHUBART, H. (1971) - Acerca de la cerámica del Bronce Tardío en el Sur y en el Oeste Peninsular. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 28, p. 153-182.
- SCHUBART, H. (1975) - *Die Kultur der Bronzezeit in Südwesten der Iberischen Halbinsel*. Berlin: Walter de Gruyter.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (1989) - O megalitismo da bacia do Médio e Alto Mondego: uma primeira proposta de faseamento. In *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*. Viseu: Governo Civil, p. 83-97.
- SILVA, A. C. (1999) - *Salvamento arqueológico no Guadiana*. Beja: EDIA.
- SILVA, A. C., ed. (2000) - *Das pedras do Xerez as Novas Terras da Luz*. Beja: EDIA.
- SILVA, C. T.; SOARES, J.; BEIRÃO, C. M.; DIAS, L. F.; COELHO-SOARES, A. (1980-1981) - Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (Campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6-7, p. 149-218.
- SERRÃO, E. C. (1970) - As cerâmicas de retícula brunida das estações arqueológicas espanholas e com "ornatos brunidos" da Lapa do Fumo. In *Actas I Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1969)*, 2. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 271-307.
- SOARES, A. M. (1986) - O povoado do Passo Alto. Escavações de 1984. *Arquivo de Beja*. Beja. 2ª série. 3, p. 89-99.
- SOARES, A. M. (2003) - O Passo Alto: uma fortificação única do Bronze Final do Sudoeste. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, p. 293-312.
- SOARES, A. M. (2005) - Os povoados do Bronze Final do Sudoeste na margem esquerda portuguesa do Guadiana: novos dados sobre a cerâmica de ornatos brunidos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:1, p. 111-145.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. (1998) - From the collapse of the calcolithic mode of production to the development of the Bronze Age societies in the south-west of Iberian peninsula. In JORGE, S. O., ed. - *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?* Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 231-245.
- SPINDLER, K.; FERREIRA, O. da V. (1973) - Der spätbronzezeitliche Kuppelbau von der Roça do Casal do Meio in Portugal. *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg. 14, p. 60-108.
- TORRES ORTIZ, M. (2001) - La cerámica a mano con decoración de botones de bronce: una aportación al estudio de la alfarería tartésica del Bronce Final. *Spal*. Sevilla. 10, p. 275-281.

TORRES ORTIZ, M. (2002) - *Tartessos*. Madrid: Real Academia de la Historia.

VILAÇA, R. (1995) - *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze*. Lisboa: IPPAR.

VILAÇA, R.; CRUZ, D. J.; GONÇALVES, A. A. H. B. (1999) - A necrópole de Tanchoal dos Patudos (Alpiarça, Santarém). *Conimbriga*. Coimbra. 38, p. 5-29.